

ALINE RULLIAN GERMANN

MANSUETO BERNARDI E O ESPÍRITO FRANCISCANO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ir. Elvo Clemente
Orientador

Porto Alegre
2006

ALINE RULLIAN GERMANN

MANSUETO BERNARDI E O ESPÍRITO FRANCISCANO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Ir. Elvo Clemente (PUCRS)

Ao Ir. Elvo Clemente, pela orientação e pelo incentivo. A ele minha eterna gratidão, carinho e amizade incondicional. Muito obrigada pelos anos de aprendizagem e crescimento pessoal e profissional.

Agradecimentos

À minha família, que é o alicerce da minha vida. À minha mãe, pelos conselhos, pelos afagos e pelos momentos de descontração que tornaram tudo mais leve. Tu és a melhor mãe que alguém poderia ter! À minha irmã, pelo companheirismo em tantas madrugadas de trabalho. Ao meu pai, pela força, determinação e proteção. Obrigada por seres o meu herói!

À Prof^a. Alice, pelos anos de orientação, ensinamentos e carinho;

À Adriane, pelo companheirismo e amizade durante todo o nosso percurso;

À Flávia, pelas longas conversas, apoio, amizade e carinho;

À Patrícia, pelos conselhos e amizade;

À Fernanda, à Maira e à Daniela, pela amizade e pelas palavras de incentivo;

À Melissa pela amizade mais sincera do mundo e pelo companheirismo;

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio e amizade;

Aos professores, pelos ensinamentos ao longo destes dois anos;

Ao CNPq, pela bolsa e pela oportunidade de crescimento profissional.

*Nós pertencemos a uma estirpe que, da sombra,
se encaminha para a luz.*

Goethe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A POESIA.....	14
2.1 A criação poética.....	15
2.2 A linguagem inventa o poeta.....	17
2.3 A poesia e o seu papel.....	18
2.4 Sobre o processo criador.....	18
2.5 Como ler poesia.....	19
2.6 O mundo das imagens.....	20
2.6.1 A metáfora.....	21
2.7 A poesia lírica.....	22
2.7.1 O lírico no fim do século XIX: do parnaso ao crepúsculo.....	23
3 BREVE BIOGRAFIA DE MANSUETO BERNARDI.....	27
3.1 Mansueto Bernardi: o poeta.....	33
3.2 Mansueto Bernardi: o franciscano.....	34
3.3 Mansueto Bernardi e São Francisco de Assis: um mesmo olhar sobre os seres vivos.....	35
4 ANÁLISE DOS POEMAS.....	38
5 CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS.....	64

ANEXO A.....	66
ANEXO B.....	67
ANEXO C.....	68
ANEXO D.....	69
ANEXO E.....	70
ANEXO F.....	71
ANEXO G.....	72

RESUMO

O espírito franciscano que guiava a vida de Mansueto Bernardi também guiou seus poemas, já que os mesmos são valiosos divulgadores dos ideais franciscanos. A partir dos poemas em que estes aspectos ficam evidentes, realiza-se um estudo que busca comprovar a predominância da luz ou da sombra na produção poética de Mansueto Bernardi, *Terra Convalescente*.

RIASSUNTO

Lo spirito francescano che ha guidato la vita di Mansueto Bernardi anche ha guidato i suoi poemi che sono di grande valore nella diffusione degli ideali francescani. A partire dai poemi che queste caratteristiche sono evidenti è realizzato un studio che pretende comprovare la predominanza della luce o dell'ombra nella produzione poetica di Mansueto Bernardi, *Terra Convalescente*.

1 INTRODUÇÃO

Em 2001, primeiro ano da minha graduação em Letras, tive a oportunidade de integrar como bolsista de iniciação científica o núcleo de pesquisa coordenado pela Prof^a. Dr. Alice Therezinha Campos Moreira e pelo Dr. Ir. Elvo Clemente, cuja linha de pesquisa é *Literatura: memória e história*. Foi neste grupo que, com a orientação do Dr. Ir. Elvo Clemente, aprendi tudo o que sei sobre a elaboração de projetos e a execução dos mesmos. No grupo de pesquisa em que dei meus primeiros passos como pesquisadora e no qual trabalho até hoje, desenvolvi habilidades que nunca teria a oportunidade de desenvolver durante as atividades escolares propriamente ditas.

Graças ao primeiro projeto do qual participei, *A Crítica Literária no Rio Grande do Sul – século XX*, realizei leituras que me permitiram conhecer mais a literatura no meu Estado e a colaboração da mesma no cenário nacional. Conheci o trabalho de críticos e escritores de destaque em sua época como Moysés Vellinho, Carlos Dante de Moraes, Wilson Chagas, Alceu Wamosy, Pedro Vergara e Mansueto Bernardi.

Concluído o primeiro projeto, meu orientador solicitou a renovação da minha bolsa para um outro projeto intitulado *Mansueto Bernardi: uma vida dedicada à cultura*. Foi trabalhando neste projeto que conheci mais sobre este crítico, poeta e político. Lendo artigos dele e sobre ele descobri que muito ainda deveria ser feito por ele. Nada disso foi visto no currículo acadêmico. Se não fosse o trabalho que desenvolvi sob a orientação do Dr. Ir. Elvo Clemente, talvez esta dissertação abordasse um outro tema que não a poesia de Bernardi.

Foi durante a catalogação do Caderno de Sábado, um suplemento literário publicado pelo jornal Correio do Povo, que conheci mais profundamente o trabalho de Mansueto Bernardi. Ao ler um artigo de Guilhermino César intitulado *Mansueto Bernardi, o crepuscolare?* me interessei pelo livro que era tema do mesmo: *Terra Convalescente*. O artigo foi escrito exatamente dez anos após a publicação do livro

que é a mais comovida homenagem à serra gaúcha. Chamou-me a atenção o fato de Bernardi não pertencer a nenhuma corrente literária, já que a sua produção era ligada aos seus ideais. O poeta que tinha formação parnasiana também seguia algumas tendências simbolistas. Para ele o movimento estava a serviço da poesia e não o contrário.

Catalogando a crítica de Guilhermino César, fui procurar o livro em questão. Desde a primeira leitura, os versos de Mansueto Bernardi tocaram forte em mim, principalmente pelo espírito franciscano que eles continham. Através deles retornei à minha infância, aos tempos em que recebi meus primeiros ensinamentos dos ideais franciscanos no grupo para crianças da Paróquia Santo Antônio, coordenada pelos freis capuchinhos.

Quando concluí meu curso de graduação, soube da minha aprovação para o Mestrado e logo lembrei do livro que havia lido. Em março do mesmo ano iniciei a pós-graduação e, para minha felicidade, continuei a desenvolver pesquisa no projeto *Mansueto Bernardi: uma vida dedicada à cultura*. Com tudo conspirando a meu favor, resgatei os poemas do poeta e iniciei o projeto que veio a ser a presente dissertação. Hoje percebo que as palavras dos intelectuais que li durante a graduação, combinadas com os conteúdos estudados em sala de aula, fizeram de mim uma profissional diferenciada.

Ao desenvolver pesquisa na área de literatura sul-rio-grandense o nome de Mansueto Bernardi destacou-se não somente pela sua produção poética, mas também pela sua colaboração no desenvolvimento da cultura e da política do Estado e do Brasil.

Sendo Diretor da Casa da Moeda ou da Livraria do Globo, Bernardi destacava-se por ser um homem sensível e apegado às suas raízes. De acordo com o artigo de Guilhermino César (1975) anteriormente citado, isto se sobressai em seus versos:

Os poemas de *Terra Convalescente*, na reedição de 1965, traduzem com emoção o que foi o mundo perdido da vida patriarcal serrana. O Teócrito desse pastoralismo de pouca duração chamou-se, portanto, entre nós, Mansueto Bernardi. Não apenas como dissemos, por ter sido o primeiro a chegar à fonte límpida, a correr da montanha, mas pela singeleza com que reviveu, à moda de um pastor que houvesse lido Sannazzaro, o seu vale e o seu rio, junto dos quais quis dormir, e dorme, seu último sono. (p. 3)

No mesmo artigo, Guilhermino César (1975) afirma que Mansueto Bernardi foi na poesia do Rio Grande do Sul um autêntico *crepuscolare*. O crítico lembra ainda que no crepuscularismo os poetas encontram-se voltados para a sombra tendo como tema a vida cinzenta e prosaica da província, dentro do movimento simbolista.

A figura e a obra de Mansueto Bernardi, ao lado de outras da mesma época, merecem destaque e estudo de maior expressão. Entre as décadas de sessenta e oitenta, Itálico Marcon realizou importantes estudos sobre o poeta, dentre os quais se destaca *O universo poético de Mansueto Bernardi*, e colaborou na edição da obra completa do mesmo. Infelizmente nos últimos anos quase não se falou mais sobre Bernardi e a sua produção.

Acredita-se que a realização de um estudo mais aprofundado da poesia de Mansueto Bernardi é relevante para a literatura brasileira e sul-rio-grandense, pois desta forma todos que pertençam ao meio acadêmico e leitores em geral poderão conhecer ou revisar os versos do poeta.

Pretende-se, então, a partir da afirmação de que Mansueto Bernardi é um verdadeiro *crepuscolare*, proferida por Guilhermino César, comprovar se a sombra realmente predomina ou se, ao contrário, a luz é predominante em sua obra poética.

O trabalho proposto corresponde à pesquisa de caráter bibliográfico e, para tanto, analisar-se-ão os poemas com temática franciscana da obra *Terra Convalescente*. A edição escolhida para a realização de tal estudo foi a de 1965 por

ter sido revisada pelo próprio autor um ano antes da sua morte. Procurar-se-á identificar na produção poética de Bernardi os momentos de sombra, de sombra / luz e de luz, a fim de verificar qual prevalece e o porquê desta predominância.

Tentar-se-á demonstrar durante o estudo a profunda espiritualidade do poeta, que pertencia à Ordem Terceira de São Francisco de Assis e, portanto, seguia a ideologia de vida do mesmo. Procurava amar todas as criaturas, vendo-as como irmãs, buscava a luz de Deus e a simplicidade da natureza.

Dos cento e sessenta e sete poemas que compõem a obra *Terra Convalescente*, foram analisados vinte e três poemas em que havia uma forte identificação dos temas luz / sombra. Tal escolha permite que se perceba claramente qual era o ideal do poeta: a luz ou a sombra.

A dissertação divide-se em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução e o último a conclusão do trabalho. No capítulo que segue a introdução, trata-se da poesia lírica. Seguindo Armindo Trevisan, enfoca-se o seu processo criador, o seu papel na vida do poeta e do leitor, além do modo de lê-la. Também se aborda o mundo das imagens, destacando dentre elas a metáfora, denominada por Armindo Trevisan “a rainha das imagens”. Ainda neste capítulo pode-se encontrar um rápido panorama europeu e brasileiro da poesia lírica no fim do século XIX, indo do parnasianismo, passando pelo simbolismo e desembocando na ramificação do simbolismo conhecida como crepuscularismo.

No capítulo seguinte, faz-se uma breve biografia de Mansueto Bernardi, destacando o seu papel como homem, poeta e seguidor de São Francisco de Assis.

No que precede a conclusão, são analisados os poemas com temática franciscana. Buscou-se verificar a predominância da luz ou da sombra nos mesmos.

2 A POESIA

Armindo Trevisan (1993), motivado pelas palavras de Freud, diz que os poetas são aliados valiosíssimos e seu testemunho tem que ser muito estimado, pois, em geral, sabem muitas coisas entre o céu e a terra de cuja existência nem sonha nossa sabedoria acadêmica. Os poetas, na ciência da alma, se adiantaram muitíssimo a nós, homens simples, pois se nutrem de fontes que ainda não se abriram para a ciência.

O poeta ensina ao homem a arte de saber viver mexendo profundamente com seu mundo interior. Para viver o ser humano deve, primeiramente, querer viver aceitando a si mesmo e ao mundo que o cerca. As emoções são essenciais neste despertar para a vida, já que são elas que o motivarão a seguir em frente na busca de sua essência.

Trevisan (1993) destaca o caráter de sonho lúcido da poesia. O sonho é importante para a vida humana, pois é atividade do inconsciente. O consciente movimenta-se nas ações que exigem controle; o inconsciente, nas ações que não o exigem. Simplificando, seria possível, talvez, afirmar que o pensamento é a lógica da razão, a poesia a lógica da animalidade. Seria, também, possível falar-se em dois pensamentos: um psíquico, outro corporal. A poesia só se realiza através do símbolo e da metáfora. Ora, símbolo e metáfora são realidades encarnadas. A poesia seria, portanto, um pensamento figurativo, como o são as demais expressões artísticas.

Quando se fala em sonho e realidade, não se pode deixar de lado a função do mito. O mesmo consiste em reduzir o cosmo à escala humana. O mito antropomorfiza o natural, dá-lhe uma fisionomia. Além disso, de acordo com Trevisan (1993), “desmiurgiza” o “caos”, isto é, ordena os impulsos pré-conscientes da razão. O que o poeta faz é unificar, na medida de seu talento, o patrimônio mítico com o coletivo. É tanto mais poeta quanto mais atinge essa consciência. Os grandes poetas afloram o milagre: dão a impressão de que seus mitos pessoais se converteram em mitos de todo um povo. Na realidade, o que fizeram foi deixar a

“impressão digital” de seus próprios mitos no imenso cabedal de sonhos, inconscientes ou lúcidos, da humanidade.

O trabalho do poeta consiste em unificar os seus mitos pessoais com os mitos populares. Através de seus versos, converte as suas experiências em patrimônio de todos, fazendo com que a obra deixe de ser sua e passe a ser do seu leitor. É a identificação do leitor que faz com que o poema não tenha mais um dono e sim vários criando para cada um deles um cabedal de possibilidades de leitura.

O poeta, conforme Trevisan (1993), não é, necessariamente, o indivíduo que sente mais; é o indivíduo que se fixa mais naquilo que sente. Ele tem a habilidade de se desprender de si mergulhando nos sentimentos mais íntimos e mais primitivos. O fato de conseguir abandonar por alguns momentos a superfície das ações, ou seja, o mundo real, não significa que seja um homem sem os pés no chão. Ao contrário, o poeta é um homem tão sutil que consegue entregar-se totalmente ao autoconhecimento.

A lógica da poesia faz com que o poeta esteja em permanente contato com a realidade. É por esta razão que para expressar o cômico o poeta anestesia a sua sensibilidade.

2.1 A criação poética

A primeira questão que se deve destacar antes de entrar no assunto criação é a inspiração, já que esta é indispensável para que o momento criativo do poeta aconteça. Então: Que é inspiração?

Etimologicamente: um vento que sopra para dentro. Com isso significam os estudiosos da origem subjetiva da arte que toda a emoção artística principia por um desequilíbrio emocional, por uma espécie de “descida do espírito”. De que natureza é esta descida? Talvez um sonho que se faz consciência. Em todo o caso, não existe poesia sem esse toque íntimo, ou então, sem esse salto de peixe. Também

não existe poesia sem a cessação do salto. A poesia parece surgir no ponto de intersecção da consciência e inconsciência (1993).

O poeta, de acordo com Trevisan (1993), só se realiza na medida em que objetiva sua emoção. Essa objetivação dá-se através da linguagem, algo que foi criado coletivamente. Inútil imaginar que a poesia se constrói com bons e maus sentimentos; ela se constrói, além dos bons e maus sentimentos, mediante palavras, que são materiais tão resistentes como quaisquer outros. No poema *Bem-aventurados*, Mario Quintana diz (2005): “Só o poeta é que tem que lidar com a ingrata linguagem alheia... A impura linguagem dos homens”. Mostra-se aí a verdadeira força transformadora do poeta.

Concluída a breve reflexão sobre inspiração, parte-se para a questão proposta: A Criação Poética.

Ler a poesia de outros poetas é indispensável para que o poeta encontre a si mesmo, pois é no diálogo que as diferenças se acentuam. Quantas vezes ao se ler um poema alheio, não se é forçado a rever o próprio poema? O poema alheio desperta o poeta para o seu próprio poema, fazendo com que o criador comungue com a sua criação. A poesia é como amar, já que quando amamos encontramos no outro o próprio reflexo. Quando o amor não é correspondido perde-se a própria imagem, o sentimento de solidão é o que prevalece. O poema quando não encontra eco em outro poema fica, assim como o homem que não encontra o amor, perdido.

Cada poema propõe o seu próprio método de lê-lo ou de interpretá-lo. Não se trata de mistificar o ato criativo, nem tampouco de reduzi-lo a uma fórmula. Cada pessoa pode ser poeta, se o quiser. Para tanto, esforçar-se-á por domesticar imagens e palavras com a mesma paciência, malícia e delicadeza com que um encantador de serpentes atrai com sua melodia o réptil.

2.2 A linguagem inventa o poeta

Trevisan (1993) declara que o poeta não nasce poeta, nasce dentro de um poema. Inaugurando o mundo com suas mãos e pés, a criança, sobrevivente de oito milhões de anos, não traz uma linguagem consigo. Ela é trazida pela linguagem. O futuro poeta alfabetiza-se antes de nascer. A língua falada pelos pais, antes de ser modelagem oral, foi uma determinada forma de ser. Na medida em que a criança é imersa nessa linguagem, perde sua inocência, a fim de se transformar em um pequeno poeta de determinada língua.

As línguas são tão diversas entre si que é possível sustentar-se que a língua de um povo é a sua liberdade ou a sua prisão. Trevisan (1993) diz que em algumas épocas a língua se aprisiona, noutras, liberta-se e é neste meio, que o poeta tem algo a realizar. A palavra, ou antes, a frase, que o poeta trabalha constitui uma realidade própria com leis físicas e metafísicas. Ela não é um material polivalente apenas a partir do seu exterior; é também a partir do seu interior. Só que esse interior é pessoal, pois a palavra transcende.

Toda a vez que o poeta fala de si, ele fala também de outras pessoas. O verdadeiro poeta não se serve das palavras, ele as serve procurando sempre as melhores palavras para realizar o seu trabalho. Assim como qualquer pessoa, comete erros e algumas vezes se equivoca, mas esses erros e equívocos fazem parte da construção de seu poema. Equivocar-se quando se fala em poesia é misturar-se às diversas formas de linguagem que nos cercam e é essa mistura que faz de um poema expressão de todos, já que só se pode representar o todo quando se sabe como ele se manifesta.

A poesia, que inventa seu poeta, para Trevisan (1993), é a autêntica. A língua e a linguagem nascem e o poeta limita-se a ser dentro delas. Na medida em que o poeta vive e interpreta a vivência de um povo, ele passa a ser porta-voz dessas pessoas. O poeta tem todo o direito de experimentar a língua de seu povo, pois é ele quem a transforma em poesia.

2.3 A poesia e o seu papel

A poesia é feita de imagens representadas pelas palavras e são essas imagens que levam o homem além de seu círculo habitual de interesses e preocupações. A metáfora proporciona ao homem uma transcendência, permitindo que ele vá além do que vê e do que percebe. Por se relacionar com a parte emocional do homem, já que ela mexe com os seus sentimentos mais íntimos, a poesia tem a ver com seus sonhos. Todo o sonho anuncia alguma coisa, ou refere-se a uma necessidade vital. Por estar ligada à fantasia e ao sonho, a poesia vai além do período de vigília, relacionando-se também com o tempo e o espaço da vida, que são bem maiores. Pensar que quando se sonha ocorre um desligamento da vida real, portanto é errôneo, já que os sonhos refletem não só a nossa vida, mas também desejos e vontades reprimidos.

O poema pretende ordenar as emoções e não as ações. É claro que, indiretamente, ordena estas também, pois as emoções são as propulsoras de nossas atividades. O poema, assim como tudo o que o homem produz, relaciona-se com seu estar no mundo. Um poema, por mais ficcional que possa parecer, participa da vida de seu autor.

2.4 Sobre o processo criador

De acordo com Armindo Trevisan (1993), o processo criador é um processo duplo de elucidação interior, e é, também, um processo epidérmico, na medida em que implica uma alegria quase infantil de invenção. Trata-se de chegar a alguma coisa que não se sabe bem o que é, uma vontade de olhar, de não só dar luz a algo, mas também de dar-se à luz, ou seja, não só de expor alguma coisa que permanece oculta, mas também de expor-se a determinada iluminação. Trevisan (1993) considera o ato criador uma experiência de si no Outro, uma experiência do Outro em si mesmo.

A poesia é o que Trevisan denomina estado-de-vida (1993), um momento. Paradoxalmente, semelhante experiência de ejeção psíquica realiza-se dentro do que para este pensador é a comunhão-com-as-coisas, ou comunhão-com-os-outros. A poesia nem a cultura salvam o homem. O que o salva são os sentimentos bons que o poeta e a sua obra despertam no leitor.

O poeta, através de sua prática poética, acaba descobrindo que o poema não é ele, nem mais dele, pois ele nasce da linguagem. Antes dele nascer, já existiam os significados. O poema supera seu criador, ele impõe-se para fora passando a pertencer aos seus leitores.

2.5 Como ler poesia

Segundo Armindo Trevisan (1993), a poesia é uma captação da realidade, que se caracteriza por uma espécie de imediatez ou tato; é ma forma de apalpar as coisas com o coração. Poesia é algo que nos obriga a ir além daquilo que se vê, a transpor as palavras.

Quando lemos uma poesia tentamos produzir em nós uma sensação ou sentimento semelhante ao do poeta no momento da criação. Nesse sentido, de acordo com Trevisan (1993), toda poesia exige um poeta, ou antes, dois: o poeta-autor e o poeta-leitor. Com isso, não se exclui o outro lado da poesia, que não é agradável, mas que nem por isso deixa de ser emoção: a denúncia do que existe de inumano na conduta dos homens, o processo global que conduz a sociedade à demissão de suas responsabilidades, entre outros. Excepcionalmente, a poesia expressa sentimentos agressivos, e, na maioria das vezes, o que procura é enaltecer a vida.

Quando lêem um poema, a maioria dos leitores, após apreciar toda a magia dos versos, pode vir a se perguntar: Donde vem a poesia? De acordo com Trevisan (1993), cada autor tem seus sonhos, pesadelos, traumas, sobretudo, sua infância.

Por isso, a temática do poeta é determinada por uma série de experiências longínquas.

Os primeiros contatos da criança com a natureza condicionam-lhe, em grande parte, o seu conjunto metafórico. Uma pessoa que viveu entre árvores, rodeada por animais, terá outro mundo de quem nasceu no asfalto, entre edifícios e meios tecnológicos. Para Trevisan (1993), a *despoetização* da realidade depende da agressividade da sociedade em relação à natureza. No fundo, o poeta vivo dentro do homem luta pela sua sobrevivência. .

Uma vida sem poesia acaba empobrecendo o ser humano, diminuindo a sua vontade de viver. A poesia há de ser vista, primordialmente, como uma experiência a ser vivida, e não somente como uma experiência cultural.

2.6 O mundo das imagens

Segundo Armindo Trevisan (2001), a imagem é um termo muito amplo, quase uma “palavra-ônibus”, dessas que abarcam inúmeros significados tais como: comparação, símbolo, alegoria e, sobretudo, metáfora. Trevisan toma o conceito de imagem utilizado por Alfredo Bosi (2004):

A crítica de língua inglesa costuma designar com o termo *image* não só os nomes concretos que figurem no texto (casa, mar, sol, pinheiro...), mas todos os procedimentos que contribuam para evocar aspectos sensíveis do referente, e que vão da onomatopéia à comparação”.

A imagem poética é um apelo a uma forma sensível, é uma relação entre o real e o irreal fazendo com que a linguagem se torne mais palpável, mais concreta. Para Trevisan (2001) é qualquer combinação verbal que torne sensível e

psicologicamente concreto o conceito, o sentimento ou a emoção do discurso. As imagens podem ser, ainda, auditivas, táteis, térmicas, referentes a qualquer dos sentidos. Armindo Trevisan (2001) propõe uma outra definição para imagem, usando para isso uma comparação: é uma imagem específica associada a um conceito (ou a outra imagem), para criar, mediante o relacionamento entre ambas, novos pontos de descoberta, atração e interesse.

A palavra símbolo, que procede de *symbolon*, significa juntar as partes de um objeto e, antigamente, era a forma de as pessoas se reconhecerem, apresentando, cada qual, a metade do objeto que fora rompido com essa finalidade. Atualmente, é uma expressão verbal ou gráfica que, de algum modo, oferece semelhança com a realidade que representa. O símbolo é, segundo Trevisan (2001), o significante e o significado. Para tornar-se símbolo a imagem necessita ser aceita por um grupo. A cruz, por exemplo, é uma imagem simbólica assim como a pomba.

Já o termo alegoria, que quer dizer “significação oculta”, é um símbolo com subsignificações, ou seja, é uma expressão, verbal ou gráfica, que revela semelhanças com a realidade que representa, tendo, porém, a singularidade de se desdobrar, de modo que cada parte do símbolo corresponda a um significado específico. O processo alegórico típico, segundo Armindo Trevisan (2001), é o da personificação. Cita-se como exemplo uma das obras primas de Padre Antônio Vieira, o “Sermão aos peixes”. Nele, cada peixe está no lugar de uma personalidade do governo português no Maranhão, na época. A alegoria é também uma das formas literárias preferidas pela Bíblia.

2.6.1 A metáfora

A palavra metáfora admite diversas traduções, entre elas, transposição, transferência e translação. Todos os teóricos dedicam grandes elogios a essa que é, segundo Trevisan (2001), “a rainha das imagens”. O uso das metáforas, ao longo dos anos, foi realizado de diferentes formas. De acordo com Armindo Trevisan (2001), os autores clássicos fixavam-se, sobretudo, no caráter discursivo da

comparação. A comparação, segundo eles, evidenciava a aproximação, que na metáfora permanece subjacente. Eis por que a palavra “como” é característica da comparação. Ou seja, a comparação age conforme o esquema: “isto é aquilo”.

Ainda segundo o pensador citado, pode-se avançar mais ao afirmar que na comparação tradicional se evidenciava, de preferência, o “aspecto de semelhança”, em geral baseado na visualização, entre os objetos. Já na metáfora moderna se insiste no aspecto “diversidade dos elementos contrapostos”. Na comparação tradicional, insistia-se na objetividade da semelhança; na metáfora moderna, valoriza-se a subjetividade criadora, razão pela qual, nem sempre é de fácil leitura.

Com base na reflexão sobre metáfora tradicional e contemporânea realizada por Trevisan (2001) poder-se-ia dizer que a metáfora traz consigo uma comparação implícita, que cabe ao leitor desvendar. É importante destacar que as relações estabelecidas são inúmeras, pois cada leitor tem o “seu mundo” e o “mundo” que a metáfora apresenta é inesgotável.

2.7 A poesia lírica

Dentre os gêneros literários estabelecidos por Aristóteles, a presente dissertação se detém no lírico. Este se caracteriza, basicamente, por ser um texto de caráter subjetivo em que o poeta expressa suas dores, emoções, alegrias e frustrações. Também pode expor seu mundo interior, assim como a maneira que o vê.

De acordo com Armindo Trevisan (2001), a poesia é conhecimento que se pode caracterizar como intuitivo, contrapondo sua imediatez à mediatez do conhecimento filosófico e científico. A lucidez que acompanha a poesia pode ser considerada uma sorte de intuição. É mais uma luz que faz ver o mundo e os seres do modo diverso. A poesia alicerça-se em uma experiência psíquica inesgotável. Ao

materializar-se no poema, circunscreve-se, estimulando o leitor a reencontrar-lhe a inspiração original.

Ainda nas palavras de Trevisan (2001), a poesia também possui o mérito de destacar as emoções. Até certo ponto, as pessoas conseguem traduzir suas emoções por meio da linguagem cotidiana. Só, porém, uma tradução excepcional, a lírica, suscita novas emoções. O trabalho do poeta consiste em descongelar, no depósito de emoções da língua, o que mais se aproxima ao seu estado emotivo, dispondo as palavras de modo a que digam o que já disseram, e digam ainda o que não disseram.

A poesia lírica permite que o homem descubra em si mesmo sentimentos adormecidos, ela o guia no encontro com o seu *eu*. Ao trabalhar o consciente e, principalmente, o inconsciente de seu leitor, o poeta garante as necessidades da práxis e as necessidades de eros.

2.7.1 O lírico no fim do século XIX: do parnaso ao crepúsculo

O gênero lírico na segunda metade do século XIX desenvolveu-se na França sob a denominação de Parnasianismo através da revista *Le Parnasse Contemporain*. Esta corrente estética foi impulsionada pelo desejo de produzir uma arte mais aprimorada. No Brasil, o Parnasianismo tem como data oficial o ano de 1886, quando nos jornais e revistas literárias os poetas locais começaram a autodefinir-se e a serem indicados como parnasianos.

O movimento Parnasiano estruturou-se e ganhou prestígio no País com a constituição da famosa tríade parnasiana composta pelos poetas Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira. Semelhantes e reuníveis por uma intransigente adesão à frase *da arte pela arte* proferida por Gautier, por uma altiva e ao mesmo tempo modesta defesa do ofício do poeta e dos instrumentos do cinzelar

que esse ofício comporta, diferenciam-se, segundo Luciana Picchio (1997), pela distinta carga humana que tingirá de lirismo as delicadas paisagens de Alberto de Oliveira, que colorirá de tons sociais as de Antero de Quental e os versos de Raimundo Correia e dará notas de otimismo ao mais destacado deles, Olavo Bilac.

De acordo com Luciana Picchio (1997), a atitude de impassividade descritiva com relação a uma realidade que deve ser subtraída ao tumulto romântico e subjetivista, a forma clássica e rigorosa e a concepção do ofício de literato como prática artesanal encontram ampla audiência junto aos conventículos estéticos espalhados por toda a parte em um país ainda atacado de promocionismo cultural e em busca de sua identidade espiritual. Por isso, passando por cima das experiências românticas, os modelos seguidos são, em grande parte, lusitanos. Com o enfraquecimento do movimento Parnasiano surge uma nova corrente estética, o Simbolismo. Vale destacar que mesmo com a inauguração do Simbolismo, o Parnasianismo brasileiro sobreviveu, deslocando-se dos grandes centros inovadores para as províncias e levando aquela ânsia de dignidade formal. O espírito humano retorna, mesmo que temporariamente, ao leito da racionalidade e do pudor expressivo.

Segundo Luciana Stegagno Picchio (1997), os próprios poetas parnasianos são arranhados pelo novo verbo, e, a partir do ocorrido sua prática entrelaçar-se-á cada vez mais com a dos adversários da primeira hora, alimentando-a e dela se alimentando.

Inaugurado com a publicação de *Broquéis* de Cruz e Sousa em 1893, o Simbolismo se instaura por seu turno como movimento líder na literatura nacional. Esta corrente também é chamada de decadentismo aludindo à decadência dos valores estéticos até então vigentes e teve suas origens na França, no ano de 1881. Influenciados pelo misticismo advindo do intercâmbio com a arte e com as religiões orientais, os poetas, autores teatrais e pintores franceses procuraram refletir nas suas produções novas experiências e conceitos sobre o que os cercavam. O movimento também foi influenciado pelas experiências metropolitanas dos simbolistas portugueses, pelos alemães Schopenhauer e Wagner e pelos belgas Maeterlinck e Verhaeren, que seguiam preferencialmente o modelo francês.

No tronco do movimento Simbolista Brasileiro enxerta-se naturalmente uma ramificação conhecida como Penumbrismo ou Crepuscularismo brasileiro. Conforme Picchio (1997), esta ramificação pertence à fase da lírica (a lírica moderna como se convencionou chamá-la, com uma definição que deixa para além dela tudo aquilo que, conscientemente ou inconscientemente, não se insere na antitradução nascida com Mallarmé, Rimbaud, Baudelaire e Verlaine) que pretende ser definida somente por categorias negativas. No Brasil, os simbolistas deram os primeiros passos em direção ao crepuscularismo, dando a palavras habituais novos sentidos e novas cores. Eles priorizaram a autonomização das palavras nessa nova função artística, enfatizando sempre a polissemia. Os poetas crepusculares, segundo o crítico Guilhermino César (1975), acham-se, no geral, voltados para a sombra, desdenham o ativismo d'annuziano e têm como temário bem definido a vida da província cinzenta e prosaica das brumas das tardes de outono.

O Rio Grande do Sul, assim como as demais regiões do Brasil, teve seus representantes no Parnasianismo, no Simbolismo e na ramificação deste, o crepuscularismo. Poeta de formação parnasiana, mas fortemente impregnado de idealidades e sonoridades de fundo simbolista, Mansueto Bernardi, segundo Guilhermino César (1975), foi na poesia rio-grandense um autêntico *crepuscolare*.

Mansueto Bernardi, natural da Itália (1888) e gaúcho de coração, foi o mais comovido cantor da Serra gaúcha. Em *Terra Convalescente*, obra anterior à Semana de Arte Moderna, pois foi publicada pela primeira vez pela Livraria do Globo em 1918, o horizonte daquela região gaúcha começou, de acordo com Guilhermino César (1975), a impor-se ao lírico, embora por meio de transposições suaves. Era, definitivamente, uma poesia de estados de alma, de impressões atmosféricas, de estações do ano e de horas fugidias.

A partir da primeira publicação de *Terra Convalescente*, Mansueto voltou-se para os cenários de sua juventude e, conforme Guilhermino César (1975), sua pena esgaravata, nostálgica, o passado, as memórias do clã e a terra afeiçoada pelo

suor dos camponeses mortos. Em 1965, a Editora Globo empreendeu a reedição revisada e crítica de *Terra Convalescente* que, além de conter o poema do título, continha a maioria dos poemas de Bernardi que traduzem com uma simplicidade franciscana e com emoção o que foi o mundo perdido da vida patriarcal serrana. Estes poemas encontram-se distribuídos nos capítulos *Umbra*, *Lux*, *Terra Convalescente*, *Exaltação*, *Convívio Atlântico*, *Poemas Franciscanos* e *Última Vontade*. Para Guilhermino César (1975), Mansueto Bernardi foi o Teócrito desse pastoralismo de pouca duração, com marcas profundas de crepúsculo.

3 BREVE BIOGRAFIA DE MANSUETO BERNARDI

O vasto território do nordeste da Província estava entregue aos bugres e aos animais selvagens. Era necessário povoá-lo para assegurar a vida e a sustentação da região. Para isso, o Governo Imperial criou as colônias de *Conde D'Eu*, de *Princesa Isabel*, do *Campo dos Bugres* e de *Silveira Martins*. Para povoá-las, foram dirigidas missões especiais à Alemanha e à Itália.

Na década de 1870 a 1880, os países europeus, especialmente a Itália e a Alemanha recentemente unificados, experimentaram a pobreza e as privações oriundas das últimas guerras. A carestia fazia-se sentir mais forte no norte da Itália.

O Consulado do Brasil em Milão desenvolveu ações nas paróquias das regiões afetadas pela guerra, conclamando gente a emigrar para o Brasil.

A família de Giovanni Bernardi e de Maria Luísa Dalpai, natural de Pagnano di Asolo, província de Treviso, se candidatou junto com outros parentes e vizinhos à viagem com destino ao Rio Grande do Sul (Brasil), na região nordeste, chamada Terra Reiuana, depois Alfredo Chaves. O pequeno Mansueto nasceu em 20 de março de 1888. No mês de abril a viagem desta e de outras famílias começou. Passaram por Gênova, Rio de Janeiro, Porto Alegre e, finalmente, chegaram à região da serra gaúcha. O grupo de famílias fora destinado a Dois Lajeados, dependente de Alfredo Chaves, Veranópolis. O Rio Grande passou a ser a casa da família Bernardi.

Aos 12 anos, Mansueto Bernardi estudou na escola pública de Lajeadinho com o Professor Eduardo Duarte, freqüentando mais tarde, o Colégio Distrital de Montenegro, onde obteve o diploma de professor primário. Sua formação continuou através de seu empenho na leitura, sendo autodidata. Naturalizado brasileiro lecionou durante quatro anos em Lagoa Vermelha. Em 1918 publicou, pela Livraria do Globo, o poema *Terra Convalescente*.

Em 1919 foi nomeado oficial da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul, exercendo outros cargos públicos: oficial de gabinete e secretário da presidência do Estado; prefeito do município de São Leopoldo; diretor da Casa da Moeda, quando elaborou o projeto da criação do sistema monetário nacional, que tem por base o cruzeiro e diretor da Secretaria do Interior e Justiça do Rio Grande do Sul. Quando se aposentou, regressou a sua cidade do coração: Veranópolis.

Em seu primeiro mandato como prefeito de São Leopoldo, Mansueto Bernardi não foi eleito pelo voto popular. Na verdade, Bernardi foi nomeado pelo Presidente do Estado como interventor da cidade. As benfeitorias realizadas pelo poeta durante o período em que esteve à frente da prefeitura foram tantas e tão importantes que, quando o povo teve a oportunidade de eleger através do voto o seu prefeito, não houve dúvidas do candidato a ser eleito: Mansueto Bernardi.

Como prefeito da cidade de São Leopoldo, Bernardi realizou importantes projetos. Construiu a primeira estrada pavimentada do estado do Rio Grande do Sul, que foi a São Leopoldo – Porto Alegre, conhecida, atualmente como Estrada Velha. Graças a Mansueto Bernardi, os chamados “terrenos da marinha”, que compreendiam as glebas situadas ao longo dos rios e que eram da Marinha, deixaram de assim ser, passando a serem considerados apenas Orla Atlântica. Ainda em seu governo, iniciou-se a construção da Usina da Toca. Destacam-se ainda as obras de saneamento e fornecimento de água potável à população.

Sua vida política foi marcada pela sua participação no movimento que viria a culminar na Revolução de 1930, chefiada por Getúlio Vargas, de quem era amigo pessoal. Sonhador e idealista participou do grupo denominado “Integralista” criado através da filosofia de Farias Brito por Plínio Salgado, então um novelista vigoroso, um político influente.

Mas o governo do País, que entrara em luta política com Plínio Salgado, chefe nacional do Integralismo, resolveu anular o poder do mesmo. Para isso, o governo fez com que se propagasse, por infiltrações, uma revolta dirigida pelos integralistas contra o governo. Por ser integralista, Mansueto Bernardi foi preso, sendo, a pedido de Getúlio Vargas, posto em liberdade, por nada existir contra ele.

Livre, Bernardi foi destituído do cargo de diretor da Casa da Moeda e foi reintegrado em sua função pública na Secretaria do Interior e da Justiça do Rio Grande do Sul. Aposentou-se pouco tempo depois.

Como diretor da Casa da Moeda promoveu grande reforma administrativa e organizou o Novo Sistema Monetário Brasileiro tendo por base o Cruzeiro. Redigiu, também, a Lei que regula a extração da Loteria.

Em 1924, publicou a vida de Alceu Wamosy, falecido em 1923, incluindo-lhe a coletânea de poemas. Em 1925, na celebração dos 50 anos da imigração italiana, escreveu *Gli Italiani e la Repubblica di Piratini*. Em 1928, editou-se o *Livro do Bebê*, que enriqueceu a editora que o publicou. Em 1944, publicou um estudo de grande valor sobre a vida e a obra do poeta Eduardo Guimaraens sob o título *Divina Quimera*.

Dentre os diversos e importantes cargos de Mansueto Bernardi destacam-se o de fundador e diretor da *Revista do Globo*, administrador da *Livraria do Globo* e o de um dos fundadores do *Almanaque do Globo*, todos no período de 1918 a 1930. O cargo de administrador da Livraria do Globo foi concedido por Henrique Bertaso, dono da mesma. Bertaso considerava o poeta seu braço direito, permitindo que o mesmo promovesse traduções dos prêmios Nobel da Literatura e de autores alemães, italianos e norte-americanos, assim como permitia que Bernardi selecionasse os textos que seriam publicados.

Através da *Livraria do Globo* Mansueto Bernardi divulgou importantes escritores como: Erico Verissimo, Mario Quintana, Pedro Vergara, Manoelito de Ornellas, Vargas Neto, Augusto Meyer, Rui Cirne Lima, Teodomiro Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Darcy Azambuja, Roque Callage, Rubens de Barcelos, Alcides Maya, Moysés Vellinho e Zeferino Brasil.

Além de ser um dos fundadores do *Almanaque do Globo* juntamente com o crítico João Pinto da Silva, diretor da Biblioteca Pública do Estado, Bernardi atuou como crítico literário no mesmo. Outro fato importante e que se deve destacar é a

reedição de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto, promovida por Mansueto Bernardi em 1926, dez anos após a morte do autor.

Em seu livro *Um certo Henrique Bertaso* (1973), Erico Verissimo relembra a figura de Mansueto Bernardi, na época, com importantes destaque nas Letras rio-grandenses:

Mansueto Bernardi, poeta e prosador, lá estava no primeiro andar, sentado à sua escrivaninha, selecionando os livros para pedir às editoras da Itália, da França, da Espanha – ou então lendo originais que autores conhecidos lhe mandavam, na esperança de que o mentor literário da Globo os fizesse editar. Ele próprio era autor de livros como *Terra Convalescente*, e a sua quase paixão mística por São Francisco de Assis (o santo, não a cidade) o levaria a reunir num volume seus ternos *Poemas Franciscanos*, 1927. Homem inteligente e de boa vontade, tinha uma personalidade catártica, recebia bem – embora sem exageros de cordialidade – todos os escritores que o procuravam, tanto os velhos como os novos. Um de seus sonhos diletos era criar na Globo uma editora de âmbito nacional, projeto esse que não contava com a simpatia da direção da Casa. (p. 6)

Quando Erico Verissimo encontrou Mansueto Bernardi em Porto Alegre era noivo e estava sem dinheiro e sem emprego. Mansueto Bernardi, conforme Verissimo descreve em *Um certo Henrique Bertaso* (1973), abriu-lhe as portas da tranqüilidade e do emprego:

Aproximava-se do fim do ano, o dinheiro que eu trouxera comigo minguava e eu continuava desempregado. Uma tarde, porém, à porta da Livraria do Globo, encontrei Mansueto Bernardi, então diretor da *Revista do Globo*, e que, como os jornais já haviam noticiado, preparava-se para ir dirigir a Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, a convite de seu amigo Getúlio Vargas, chefe supremo do governo provisório instituído pela Revolução de outubro. Bernardi me reconheceu.
- Vamos publicar no próximo número da Revista o seu conto CHICO, com a sua ilustração - disse ele.
Olhou-me com seus olhos venezianos e, depois de algum tempo, murmurou: - Você escreve, traduz, desenha... Seria o homem ideal para tomar conta da *Revista do Globo* no futuro.
- Por que no futuro – repliquei - se estou precisando de um emprego agora?

Meus olhos estavam fitos no pomo-de-adão de Mansueto Bernardi, muito saliente no pescoço descarnado. O autor de *Terra Convalescente* coçou pensativamente o queixo, depois baixou o olhar para mim:

- Que ordenado espera?

Pensando no meu casamento, ousei:

- Um conto de réis.

Por um instante o poeta ficou-se imóvel e silencioso. Depois disse entre dentes:

- É... O cargo justifica esses honorários, porém, infelizmente, não temos verba para tanto... qual seria o ordenado mínimo que você aceitaria para começar?

- Seiscentos - respondi sem pestanejar.

- Pois então está contratado. Pode começar no dia primeiro de janeiro. Entende de "cozinha" de revista?

- Claro, menti. Na realidade, nunca havia entrado numa tipografia. Não conhecia nem de vista um linotipo. Não tinha idéia de como se fazia um clichê ou se armava uma página. Mas o importante mesmo é que tinha conseguido um emprego! Foi assim que entrei para a Família Globo. (p. 20 e 21).

Em 1915, Mansueto Bernardi casou-se com Idalina, sua companheira de toda a vida. Pedro Vergara em seu livro *Visita à Vila Bernardi: uma viagem a Veranópolis* (1963) dedica um capítulo a Mansueto Bernardi e outro à Idalina. No capítulo oferecido à esposa de Bernardi, Vergara (1963) descreve, inicialmente, a impressão que o casal lhe causou na primeira vez que os viu, quando ainda eram noivos:

Esta apresentação de suas vidas, misturadas em uma só, foi realmente uma visão feliz da minha adolescência. Ia eu andando descuidado com Alceu Wamosy. De repente, o luminoso amigo puxou-me pelo braço e disse-me: - Olha ali o Mansueto Bernardi com a noiva! Estavam tão contentes – e eram tão íntimos – que se enlaçavam – e se ungiam de sorrisos e ternuras, não queriam saber de mais nada e de ninguém – só eles existiam – e seu amor enchia o mundo, só porque enchia seus corações. E assim entrelaçados e assim ungidos daquele abandono de suas almas, continuavam andando na aura do sonho que os levava, como que suspensos e mal tocando as pedras duras da calçada; e assim foram e sumiram e recuaram para o fundo de cinza dos recordos – entrelaçados para sempre, naquele abraço de paixão. (p. 114 e 115)

Anos mais tarde, ao reencontrar o casal na visita que deu origem ao seu livro, Vergara (1963) percebe que a mesma paixão que presenciou na sua adolescência ainda era a mesma: *“Idalina é a senhora e dona do Mansueto, que é dono dela e ambos são donos da Vila Bernardi... Para os olhos da minha lembrança, nunca existiu sozinho um homem chamado Mansueto e nunca existiu também só na minha mente, uma Idalina”*.

Trabalhador entusiasta, leitor impenitente, a grande tragédia de Mansueto Bernardi foi o final de sua vida. Bernardi perdeu a visão e teve de abandonar uma de suas maiores paixões: os livros. Durante os três últimos anos de sua vida, nos quais quase não podia mais enxergar, o que mais lhe doía era a falta da leitura. Jamais blasfemou contra o mal que o retinha, apesar do desejo de exprimir em versos sua alma de poeta.

Um ano antes de falecer, 1965, mesmo praticamente cego, organizou a edição definitiva de *Terra Convalescente*. A sua obra completa só viria a ser publicada anos mais tarde, em 1980. Os nove volumes das *Obras Completas* foram organizados por Idalina Bernardi, esposa de Mansueto, por Itálico Marcon, que é seu maior estudioso, e pelo Pe. Rovílio Costa, grande divulgador dos feitos da colonização italiana do Rio Grande do Sul.

Bernardi faleceu em Veranópolis em 9 de setembro de 1966. Vale destacar a nota da data, publicada no jornal *Correio do Povo*: “... o propagador que sempre foi em nossa terra e, sobretudo, o grande amante da terra rio-grandense, que ele adotou como sua. Talvez exista alguém que tenha amado com tais extremos o Rio Grande do Sul, mas nenhum que tenha expressado com tanto poder este amor”.

Sua extensa bibliografia e a sua ação sobre as pessoas de seu tempo elevaram o Rio Grande do Sul entre os estados mais avançados econômica e culturalmente. Mansueto Bernardi faz parte da história do Rio Grande, pois ele escreveu páginas importantes e decisivas.

3.1 Mansueto Bernardi: o poeta

Além de ser um homem público reconhecido por todos por suas ações brilhantes e culturais, Mansueto Bernardi também foi poeta. Fixou seu lugar no firmamento literário em 1918, com a publicação de *Terra Convalescente*. Figurou entre nomes importantes de sua geração como André Carrazoni, Jorge Jobim, Barbosa Neto, Coelho da Costa, Manoel do Carmo e Pedro Vergara.

Mesmo com a renovação de antigas correntes estéticas e com o Movimento Modernista em andamento, Bernardi conserva em sua poesia o calor humano, a preferência pela forma apurada, a musicalidade dos versos e a sutileza e beleza das imagens.

A sua poesia não se enquadra em uma corrente estética da época. A personalidade poética de Bernardi ficou gravada em seus versos, já que ele não seguia um movimento específico, pois era apenas um homem que escrevia sobre as suas emoções e experiências livremente.

Por não ter posição fixa em nenhuma escola, Mansueto Bernardi tinha uma visão ampla e firme de tudo que o cercava. Essa receptividade ao novo e, ao mesmo tempo, ao antigo, permitia que Bernardi selecionasse apenas aquilo que considerava importante para a sua expressão artística.

Terra Convalescente, publicado em 1918 pela Livraria do Globo, é um dos seus poemas mais significativos. Em 1965, a Editora Globo, com a visão crítica do poeta, reuniu a maioria de seus poemas em um volume intitulado *Terra Convalescente*. A edição de 1965, como já foi dito anteriormente, compõe-se dos livros ou capítulos *Umbral*, *Lux*, *Terra Convalescente*, *Exaltação*, *Convívio Atlântico*, *Poemas Franciscanos* e *Última Vontade*. Eles não apenas situam o poeta em sua época e evidenciam a sua posição literária, como também justificam as honras e destaques de sua geração.

Dotado de rara sensibilidade e talento, escreveu poemas não somente para leitores de uma época, mas sim para a posterioridade. *Terra Convalescente* não é só itinerário de uma alma, como diz o subtítulo do livro. É também o roteiro de um espírito que recebeu o dom de transformar experiências em arte.

3.2 Mansueto Bernardi: o franciscano

Mansueto Bernardi era um empreendedor com vasta atividade administrativa, pública e poética. Através da Livraria do Globo, divulgou escritores nacionalmente e através dos demais cargos públicos que ocupou, como o de prefeito do município de São Leopoldo, realizou melhorias para a população. As impressões externas e a sua imensa vontade de progredir e de colaborar com o próximo estavam ligadas ao seu espírito franciscano.

A sensibilidade do poeta lhe permitia identificar talentos e possibilidade de melhorias. Ele o fazia porque tinha uma visão franciscana da vida, pertencia à Ordem Terceira de São Francisco, olhando o que o cercava com ternura e simplicidade. Procurava difundir o espírito franciscano entre as pessoas de seu tempo, vivendo de maneira sóbria, usando o dinheiro segundo a necessidade e atendendo, dentro do possível, pessoas necessitadas. Fazia o bem ao próximo, reservando para si somente o necessário.

Quando esteve no comando da Livraria do Globo, Bernardi não se preocupou apenas com as suas publicações, sendo um dos maiores divulgadores dos talentos rio-grandenses, revelando nomes importantes como Erico Verissimo e Mario Quintana. Bernardi, como diretor da Casa da Moeda, também não foi diferente, fez o melhor que pôde e quando injustiçado pelo governo da época aprendeu com a dor em vez de rejeitá-la.

Assim era Mansueto Bernardi cidadão, marido e artista: generoso acima de tudo. Os seus poemas franciscanos exalam a pureza de sentimentos com a qual ele vivia e com a qual ele olhava para o mundo. As suas experiências eram filtradas por esse olhar terno refletindo em cada palavra que compõe seus versos. Tal qual São Francisco, procurava devolver, atribuir e restituir aos seus irmãos tudo aquilo que Deus lhe proporcionava.

Para compreender melhor as alusões, os sons e as imagens construídas pelo autor é preciso, primeiramente, compreender Francisco, ou melhor, São Francisco de Assis, o homem que amava a natureza e cada semelhante como um irmão.

3.3 Mansueto Bernardi e São Francisco: um mesmo olhar sobre os seres vivos

Mais do que um íntimo da natureza, São Francisco foi, de acordo com Pilonetto (2001), um íntimo da criação. A natureza insinua ser um dado à disposição do homem para seu mero proveito, afetivo ou material; enquanto a criação designa uma realidade que convida à relação com o Deus Criador e Pai, do qual tudo provém e ao qual tudo deve retornar. Francisco mesmo se reconhece parte dessa criação, uma criatura entre as outras, formando com elas uma única família que realiza uma fraternal comunhão.

Esse parentesco com todas as criaturas tem seu fundamento na origem comum de todas elas em Deus, Criador e Pai, e na plenitude final que deverão alcançar “quando Deus será tudo em todas as coisas” (1Cor 15,28).

Deste sentimento de fraternidade é que vem a preocupação de São Francisco em não se apropriar de nada, procurando sempre utilizar o que tem em benefício do seu próximo, já que tudo que se ganha durante a vida é oferta de Deus. Francisco procurava tratar com cortesia todas as criaturas que o acompanhavam em sua viagem, pois sempre se viu como um peregrino no mundo a caminho de Deus. A

beleza das criaturas nunca o levava à cobiça, mas ao louvor, pois diante delas não existe dono nem escravo, somente alegria.

Seguir o espírito franciscano é amar o próximo por ele mesmo, respeitando-o em sua autonomia própria. A cortesia para com o próximo é divina. Francisco gostava de tratar com carinho todas as criaturas, nunca apontando na sua direção e sim para a do outro. Como diz Frei Dorvalino em seu livro *Como São Francisco se comunicaria hoje?* (1983):

“Francisco não é ator no espetáculo da vida e das criaturas, mas palco que sustenta e possibilita a apresentação de todos os personagens na identidade própria de cada um. E nessa condição de palco, de chão, ele observa, admira, contempla, saboreia o desfile e a dança de todas as criaturas. Porém, nessa sua condição ou situação, ele não resiste ao fascínio da apresentação e irrompe em aplausos poéticos como no *Cântico das Criaturas*. Não é Francisco que canta. São as criaturas mesmas. Francisco apenas a elas se junta”. (p. 164).

Quando falava às árvores, ao vento e as flores, São Francisco sabia que estes componentes da natureza não podiam ouvi-lo, mas, quando tocado por eles, Francisco falava a si mesmo, ou melhor, ao Criador. A sua poesia era a expressão escrita desse falar com Deus.

São Francisco não é filósofo, é poeta; não é teólogo, é místico. São dois caminhos em um só coração. De acordo com artigo *Franciscanismo e reverência pela criação*, escrito pelo Frei José Antônio Merino (1991), pode-se sintetizar em três categorias o modo franciscano de sentir o mundo.

A primeira é a presença. A experiência humana não pode reduzir-se a um estar diante do outro impessoal. Vivemos em um mundo povoado de presenças, que por sua vez, refletem e testemunham a grande Presença criadora. A presença exige relações fraternas com todos os seres, com todos os homens e relações filiais com Deus. Exige cortesia e magnanimidade. O mundo franciscano é a grande casa do

homem, na qual ele encontra acolhida e intimidade. Uma casa povoada de presenças e não de utensílios.

A segunda categoria é o olhar. O olhar é uma faculdade de estabelecer relações, penetra no âmago das pessoas, dos seres e da natureza. O olhar carrega vínculos e intenções. Cada um é o olhar que tem. Junto com o olhar vem o escutar, pois a natureza “fala”, e para captar sua mensagem é preciso recuperar a escuta. Com a escuta vem a descoberta, a admiração, o entusiasmo. O universo franciscano é marcadamente visual e acústico porque é permeado de presenças visíveis e falantes.

A terceira categoria é a frugalidade. O modo franciscano de aproximar-se das criaturas é mais afetivo do que intelectual, porque se interessa mais em descobrir presenças do que em descobrir leis científicas, e porque vê o outro mais como um ser de participação do que um objeto de posse. Somente quando se tiver purificado a raiz do olhar de suas escamas de egoísmo e ambição, se estará em condição de perceber o dom da criação.

Mansueto Bernardi, humilde imitador de São Francisco de Assis, procurava ouvir além da canção dos pássaros, procurava descobrir a letra da canção. Em primeiro lugar vêm as criaturas de Deus, cada ser que chega é um enviado do Senhor.

Como se espelhava em São Francisco, Bernardi levou esse olhar fraterno para todas as criaturas que passaram por sua vida. A sua poesia é a versificação dessa forma de encarar a vida, desse modo afetivo diante do próximo e desse escutar além de simples sons ou palavras.

4 ANÁLISE DOS POEMAS

O objetivo da santidade de São Francisco de Assis é a conquista da luz, que é Deus. Para isso, é preciso que se passe pelas trevas e pelas sombras que fazem parte da condição humana. Os poemas que compõem a obra de Mansueto Bernardi, *Terra Convalescente*, têm como tema principal esta busca, enfrentando no caminho obstáculos e dificuldades.

Para Guilhermino César (1975), Mansueto Bernardi foi na poesia gaúcha um autêntico *crepuscolare*. Ainda segundo César (1975), os poetas desta tendência acham-se, em geral, voltados para a sombra e têm como temário bem definido a vida cinzenta e prosaica. A presente análise pretende verificar esta afirmação, partindo da pergunta: O que predomina na poesia de Mansueto Bernardi, a Luz ou a Sombra? Para isso tomou-se a obra *Terra Convalescente*, mais especificamente a edição de 1965, e analisaram-se os poemas da mesma.

O subtítulo da obra, *Itinerário de uma alma*, deixa transparecer também o ser humano Mansueto Bernardi. Pertencente à Ordem Terceira de São Francisco de Assis, procurava resgatar os valores pregados pelo santo, trazendo-os para o seu cotidiano. Autor e obra representam uma unidade na busca pelo ideal franciscano, que é a luz.

O prefácio de *Terra Convalescente* foi colhido em *Confissões* de Santo Agostinho e foi adotado pelo autor por representar com supremacia a caminhada do homem e os percalços pelos quais passa durante a sua busca da luz:

- 1- *Eis aqui o servo, que fugiu do seu Senhor, seguindo a sombra.*
- 2- *Eu me apartei de Vós, e andei perdido, meu Deus, por não assentar no Vosso fundamento a minha mocidade. E por isso me tornei uma terra de miséria.*
- 3- *Mas Vós me destes a mão, e me tirastes, e pusestes onde convalescesse.*

Santo Agostinho, antes de se converter ao cristianismo, viveu uma vida de pecados e de reneгаções. Seu itinerário marcado pelas sombras só começou a ser reescrito quando aceitou os ensinamentos de Deus em sua vida. Aos poucos, o que era treva foi se tornando luz, a terra que era de miséria, como o próprio Santo Agostinho chamou, tornou-se fértil outra vez. Após um período de convalescença, ele começou a plantar novas sementes, desta vez boas, e com o germinar das mesmas veio a colher bons frutos e é isso que o franciscanismo prega, buscar sempre o bem, a luz.

Após o prefácio iluminador nas palavras de Santo Agostinho, o poeta inicia a caminhada com UMBRA, ou seja, ele inicia a sua busca da luz pelas sombras. Na abertura do livro, Bernardi cita os poetas Horácio Flaco (Venosa 65 a.C – Roma 8 a.C), Victor Hugo (26 de fevereiro de 1802 em Besançon - 22 de maio de 1885, Paris) e Émile Verhaeren (Saint-Amand, 21 de Maio de 1855 - Ruão, 27 de Novembro de 1916):

Pulvis et umbra sumus. (Orazio)

Ô Seigneur! Ouvre-moi les portes de la nuit, afin que je m'em aille et que je disparaisse. (Victor Hugo)

Mourir! Comme des fleurs trop enormes, mourir! (Émile Verhaeren)

É interessante lembrar como o poeta soube unir a grande poesia latina de Horácio com o grande romântico francês Victor Hugo e o poeta belga simbolista ou crepuscular Émile Verhaeren. Apesar de ser belga, Verhaeren seguia o modelo francês, pois, na época, este era considerado o ideal.

As três citações evidenciam o tema que será abordado primeiramente, as sombras. Nos versos do primeiro poema do capítulo, *Pórtico*, o poeta apresenta uma visão negativa e pessimista da vida:

*Tudo, constelações, palácios de ouro,
Cedo ou tarde, há de em sombra reverter.
Em tudo, a sombra está, como um agouro.
Tudo na Vida, é sombra a se mover. (p. 3)*

O primeiro verso, através das palavras *constelações* e *palácios de ouro*, constrói uma metáfora que, segundo Armindo Trevisan (1993), proporciona ao leitor uma transcendência, permitindo que este vá além do que pode ver e perceber. Ao ler estas palavras pode-se ver e imaginar todas as coisas belas do mundo, tudo de maravilhoso que já existiu e existe. Nos três versos seguintes, esta imagem quase divina vai sendo desfeita, palavra a palavra. Tudo vai sendo, lentamente, consumido pelo inevitável, ou seja, pelas sombras. A escuridão é colocada nestes versos iniciais como algo que não se pode impedir uma espécie de agouro.

Os versos três e quatro do poema *Amaritude*, assim como já diz o título, trazem à tona um sabor amargo e a imagem de alvitamento:

*Lodo e amargura na vida!
Sombra e silêncio na morte! (p. 7)*

Nos versos destacados, não existe escapatória para o eu-lírico, a única certeza na vida é a degradação e a escuridão. Na vida só se pode encontrar o lodo e a amargura e, no momento derradeiro, a sombra e o silêncio. A esperança, nestes versos, é aniquilada.

Nos versos três e quatro do poema *Melancolia*, a escuridão volta a prevalecer:

*Só eu, com a noite na alma,
vejo tudo, tudo escuro. (p. 13)*

A ausência de luz não se faz somente no que cerca o eu-lírico, mas também na sua alma e nos seus sentimentos mais profundos. A escuridão toma conta de todo o seu ser, não o deixando nem mesmo quando dorme. De acordo com Armindo Trevisan (1993), a poesia por se relacionar com a parte emocional do homem tem a ver também com os seus sonhos. Assim como os versos três e quatro de *Melancolia*, os versos quatro e cinco do poema *Aves noturnas* evidenciam este aspecto:

*surgem do escuro da alma e revoam os sonhos,
essas aves noturnas do sonho. (p. 6)*

Segundo Armindo Trevisan (1993), os sonhos refletem não só a vida, mas também desejos e vontades reprimidas. O verso quatro ao se referir ao que surge do *escuro da alma* faz menção aos sentimentos bons e maus que ficam adormecidos durante todo o dia e, em um momento de repouso, eles são liberados e, como diz o poeta, *revoam nossos sonhos*. Reviver os sentimentos deixados de lado permite a quem sonha poder processar e transformar velhos sentimentos em novos. As sombras podem em um momento predominar e, em outro, serem substituídas. Tudo é um processo, tudo está em movimento.

Apesar de intenso, o momento em que a escuridão predomina é breve. Logo a luz começa, aos poucos, a penetrar e os versos começam apresentar a luz e a sombra. É um momento de crescimento e de reflexão poética, é quando o homem passa da negação para a aceitação. Passa-se a aceitar a vida e não a condená-la, as conseqüências são associadas aos atos cometidos e tal como em uma mata impenetrável a luz solar vai encontrando um caminho.

O primeiro passo na busca da luz é reconhecer que se está mergulhado na escuridão e que para sair dela é preciso buscar um outro caminho, o da luz. No poema *Sub umbra* o reconhecimento e a vontade de mudar se manifestam. Os versos doze, treze e quatorze evidenciam este momento de luz e sombra:

*Pois toda a tua dor, alma sombria,
Talvez não passe, como o próprio fumo,
De um desejo violento de ser luz! (p. 14/15)*

Ainda no mesmo poema, tem-se o momento máximo deste processo de purificação que ocorre durante a busca pela claridade em meio às trevas. Os versos cinco e seis ilustram esta ocasião de modo exagerado:

*Nesta minha geena impérvia e fria
Espessa treva, entanto, chove a flux. (p. 14/15)*

No verso cinco o poeta combina duas palavras de sentido oposto que, aparentemente, parecem excluir-se, mas que no contexto reforçam a idéia da batalha que está sendo travada entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. A palavra *geena*, ou seja, inferno, é associada à palavra *fria*. Têm-se duas palavras antônimas que, combinadas, reforçam com veemência o embate em questão. As palavras também passam diferentes sensações térmicas, frio e calor. O verso seis destaca a espessa treva e novamente tem-se uma palavra com um sentido oposto, *flux*, que evidencia a dualidade luz e sombra.

Aos poucos, vai-se percebendo que a dualidade é parte do viver. As sombras vão sendo encaradas como um processo, algo pelo qual todos podem vir a passar e conviver. O poema *Contrastes*, mais especificamente os versos um a quatro, ilustram bem a presença deste duplo na vida:

*Em tudo, luzes e sombras,
pássaros e paquidermes.
Sob os sorrisos, os prantos.
Junto das flores, os vermes. (p. 7)*

Através da oposição de palavras “luzes e sombras”, “pássaros e paquidermes”, “sorrisos e prantos” e “flores e vermes” o poeta reforça a relação contrária entre luz e sombra. Também fica evidente que, apesar de diferentes, ambas convivem lado a lado. Conviver com uma ou com a outra não passa de uma questão de atitude e escolha.

O campo semântico de luz é composto por luzes, pássaros, sorrisos e flores enquanto o de sombra é composto por sombras, paquidermes, prantos e vermes. O primeiro campo formado traz a idéia de claridade, liberdade, leveza, felicidade, beleza e vida. Ao contrário, o segundo abrange o de escuridão, prisão, tristeza e morte.

No caminho pela busca do ideal franciscano o bem e o mal andam juntos, o diferencial é saber escolher entre um e outro, pois a todo o momento ambos se alternam, como mostra o verso quatro do poema *A perene pergunta*:

Alternam, na estrada, o gáudio e o sofrimento (p. 6)

Ser forte é conseguir superar os momentos difíceis e continuar a busca pelo caminho do bem. Por não terem discernimento na hora de decidir qual caminho seguir, nem todos chegam ao objetivo final, já que o caminho que leva a Deus nem sempre é o mais fácil. Normalmente o caminho é longo e muitas vezes penoso, como evidenciam os versos quatro a oito do poema *Invocação*:

*Um fundo de horror mortal me enclausura e excrucia.
 Mas se invocar, da sombra, o teu favor me ocorre,
 uma esperança nova – assim à noite o dia –
 fugazmente sucede à esperança que morre. (p. 13)*

Nos momentos difíceis, em vez de desistir, o eu-lírico, das sombras, invoca um poder maior, algo que lhe dá forças para continuar a sua busca pela luz. Movido pela fé continua a galgar o caminho do bem, como destaca nos versos nove a onze do mesmo poema:

*Tal uma árvore eu sou que, entre o cipoal adverso,
 Luta por libertar-se e alfim, na luz, florir,
 Alta sob o charco e rastejar perverso. (p. 13)*

No verso nove, o poeta através da comparação entre homem e árvore destaca que todos, inclusive a natureza, buscam o sol. Na busca pela luz, a natureza é elemento fundamental, pois é através dela que o homem entra em contato com o divino, ou seja, com Deus. Ela é a representação de todas as maravilhas criadas. As plantas instintivamente procuram viver e por isso procuram a luz solar, pois esta é fonte de vida. O mesmo ocorre com animais que a cada amanhecer comemoram com cantos e gracejos o nascer de mais um dia.

É observando a natureza que o homem tem a oportunidade de melhorar e tornar-se mais próximo do que vem a ser o ideal franciscano. Ao observar a natureza, o homem contempla Deus. Valorizar o natural é o caminho para a conquista da luz. Para isso é preciso deixar para trás os luxos e os exageros da vida e passar a ter uma visão fraternal do mundo e de tudo o que nele existe. Pensar no próximo e na natureza é vital para que se possa crescer espiritualmente. Nos versos treze e quatorze do poema *As árvores* a valorização e o papel da natureza ficam claros:

que eu era só maldade e nostalgia

E que aprendi convosco a ser alegre e bom! (p. 56/57)

Nestes versos a árvore, o vegetal lenhoso, ganha vida, sendo personificada pelo eu-lírico. O mesmo agradece a ela pelos ensinamentos já que antes de descobrir seu verdadeiro valor era só *maldade e nostalgia*. Depois do encontro com a natureza, o eu-lírico passou a ser alegre e bom, fato que valoriza o papel e a presença do natural na vida humana. Para Armindo Trevisan (1993) essa valorização da natureza através dos versos obriga o leitor a ir além daquilo que está escrito, fazendo-o rever conceitos e valores. É uma forma de apalpar as coisas com o coração e de enaltecer a vida.

O poeta vai deixando para trás a escuridão e passa a valorizar a luz e a natureza. No poema *Melancolia* o eu-lírico dá-se conta da beleza que o cerca e de quão diverso da mesma o seu estado de espírito se encontra. Os versos dez a doze destacam tal fato:

O espaço vibra e reluz

Eu sou como sombra escura

no meio de tanta luz... (p. 13)

Ao observar e valorizar a natureza, a nuvem que encobre a vida do eu-lírico vai sendo dissipada. Aos poucos, as trevas vão cedendo lugar para a luz como se pode perceber nos versos um e dois do poema *Madrugada*:

Sob efeito sutil do batismo da luz

gra-du-al-mente o véu da sombra se reduz. (p. 141)

O poeta, através da imagem do amanhecer de um novo dia, desfaz as sombras reduzindo-as a tal ponto que somente a luz vem a prevalecer. A chegada da luz é colocada como um ritual de purificação, um batismo, no qual o eu-lírico confirma a sua escolha, a luz. A palavra gradualmente, escrita tal qual a divisão silábica, destaca o quanto a caminhada em busca de Deus é lenta, mas acertada.

No poema *Combate da Sombra e da Luz* o predomínio da luz sobre a sombra novamente é destacado através de um fenômeno da natureza, o amanhecer. Os versos um a três ilustram o início deste combate:

*Rompe a manhã. O Sol, de trás do monte,
rútilo como um paladino, avança,
contra o negrume, que lhe está de frente. (p. 104/105)*

Nos versos destacados, o sol rutilante nasce e avança como um guerreiro destemido e cavalheiresco, pronto a defender os oprimidos e a rechaçar a escuridão. O Sol nasce com força maior e superior, deixando o *negrume que lhe está de frente* praticamente sem saída. Os versos doze a quinze do mesmo poema evidenciam a superioridade da luz sobre as trevas:

*Mas vendo, alfim, que o luminoso conde
por toda a parte sua força espraia,
cada amigo do escuro se esconde,
cada sombra vacila e desmaia... (p. 104/105)*

Denominado como *luminoso conde*, o sol se espraia e vence a noite deixando claro que, com insistência, *cada amigo do escuro se esconde* e *cada sombra vacila e desmaia* dando lugar à luz. As belas imagens construídas para destacar a superioridade da claridade devem-se à experiência de Bernardi com a

natureza. Seguidor de São Francisco e criado entre as árvores, rodeado de animais, o poeta apresenta em seus versos um mundo mais rico, inspirado na sua paisagem de Lajeadozinho e Alfredo Chaves.

A sensibilidade franciscana de Mansueto Bernardi fica ainda mais evidente nos seus poemas em que a luz é predominante. Neles, pode-se notar a sua grande capacidade de captar e expressar sentimentos e experiências. À medida que a luz se faz presente os valores também mudam. O natural e os pequenos momentos da vida passam a ser valorizados como se pode notar nos versos doze, treze e quatorze do poema *Tarde de Bruma*:

*Fontes, ninhos, vergéis! Serra alpestre, onde a gente,
sem mesmo nada ter, tinha tudo, pois tinha
saúde, espaço, ar livre e sol, bastante sol... (p. 51/52)*

Nos versos destacados, o eu-lírico reconhece que o mais importante na vida não são somente as riquezas e bens materiais. Para ele, as fontes, os ninhos, o espaço, o ar, a saúde e o sol, principalmente o sol, eram as maiores riquezas. Tudo o que um homem precisava para ser feliz estava lá, a natureza, como meio de comunhão com Deus, e o bem estar físico, condição fundamental para desfrutar de todas as belezas naturais.

No poema *Terra Convalescente* o poeta Mansueto Bernardi, assim como nos versos de *Tarde de Bruma*, continua a valorizar o natural. Em *Terra Convalescente* dá-se ênfase à terra em seu momento mais delicado, quando depois do inverno ela se recupera para, na próxima estação, dar vida às flores, árvores e alimentar humanos e animais. Este poema é um louvor à natureza, uma celebração da vida. Nos versos um a seis da segunda parte do poema pode-se verificar o momento em que a terra restabelecida tem nova vida:

*Abre em parras a vide. A ave desova.
 Já, Terra, o fruto da futura messe
 impa em teu seio fértil e profundo.
 E há um burburinho em tudo, alma nova,
 um circular de seiva, que parece
 o tumulto da gênese de um mundo... (p. 53/56)*

O burburinho nos ninhos, as frutas e flores a crescerem, a vida que desabrocha, tudo isso marca o início da Primavera, a estação na qual a noite fica mais curta e os dias mais longos. É a estação da luminosidade como mostram os versos nove a dezesseis de *Terra Convalescente*:

*Inéditas canções rompem em coro.
 (Santo de Assis, as bodas principiam!)
 E o sol aponta cada vez mais louro.
 Os horizontes se desanuviam.

 Em tudo, nas aragens que não mentem,
 na luz que mais radiosa reverbera,
 ó Sempre renascente, ó Primavera,
 minhas narinas ávidas te sentem! (p. 53/56)*

Nos versos acima o poeta chama São Francisco de Assis para, com ele, celebrar a estação da vida. É a época do ano em que o *sol desponta mais louro* e os *horizontes desanuviam*, tudo fica mais claro e colorido, mais cheio de vida.

Conforme a luz vai tomando conta do ambiente, vai também tomando conta do eu-lírico. Os versos sessenta e três e sessenta e quatro do poema *Vigília Ardente* evidenciam o momento em que corpo e luz se fundem:

*E minha alma translúcida, minha alma,
Todos a vêem como se andasse nua. (p. 38/40)*

A alma que antes era escuridão passou a ser marco de luz. A condição do eu-lírico mudou, pois antes ele era apenas mais um ator no espetáculo da vida e, depois de ser tocado pelo divino, passou a ser palco para todas as outras criaturas. As criaturas continuam as mesmas, ele é que passou a fazer parte delas. Sua alma passou a ser tão clara que não há mais nada para esconder ou temer, ela é translúcida e todos vêem a luz que a ultrapassa. Elevar o pensamento é fundamental no caminho da conquista da luz. Como se pode observar nos versos vinte e três a vinte e cinco do poema *Pureza*, os maus pensamentos são inimigos da luz:

*Pois são os nossos pensamentos maus
que, às vezes, como nuvens embaciam
o resplendor virgíneo das estrelas (p. 139/140)*

O pensamento franciscano não é intelectual e sim afetivo. O egoísmo e a inveja não fazem parte da busca franciscana pela luz, tais sentimentos só trazem a negatividade e a escuridão. Por isso, busca-se a natureza e o amor a todas as formas de vida, já que o amor incondicional eleva o homem e o seu espírito. A natureza é exemplo na caminhada rumo à luz, pois com chuva ou sol mantêm-se irredutível no seu ciclo e nos seus objetivos. Se atingir a luz solar é o que pretende, desvia de todos os obstáculos e espera o momento certo de emergir. Em seu *Cântico da Montanha*, o poeta canta a beleza e a força das montanhas, já que elas são símbolos de vigor. Os versos vinte e sete e vinte e oito do poema revelam tal característica, sempre impregnado pela paisagem que o envolve:

*Montanha! à luz merídea ou na penumbra,
Que símbolo sublime tu és! (p. 59/63)*

Os versos acima revelam o símbolo de força que as montanhas representam, pois em meio à luz ou à sombra elas persistem e continuam a subir. Ainda no mesmo poema, tem-se o exemplo de determinação das montanhas:

*A montanha é uma chama que ao alto aspira
Onda que se ergue, alma que quer subir. (p. 59/63)*

O poeta, metaforicamente, descreve a montanha ensolarada como uma labareda, uma chama que, plena de luminosidade, ascende em direção ao céu. Ao mesmo tempo em que se tem a figura de uma chama, o poeta compara a montanha a uma onda. O poeta, na descrição da montanha, une fogo e água, ou seja, luminosidade e força, dois elementos que nos versos do poema se completam. Ambos representam características que todos os seguidores de Francisco devem ter: força e fé. As montanhas são símbolos maiores de tais características.

Ao longo do caminho, o eu-lírico foi aos poucos sendo tocado pela luz e esta passou a predominar. O que antes era apenas escuridão passou a ser claro, belo e divino. Cada ser que o cercava, humano, animal ou vegetal, tornou-se parte de um todo sendo também um pedaço dele mesmo. O encontro definitivo com a luz é um momento de comunhão com a vida e com todas as criaturas de Deus.

Os versos cinquenta e nove e sessenta do poema *Vigília Ardente* destacam um eu-lírico tomado pela luz, pois tudo o que ele vê em si é luz, a luz unida à divindade:

*E no meu vasto império é sempre dia.
Eu trago – vede – em mim um sol que nunca desce. (p. 38/40)*

O encontro com a luz também é um encontro com Deus. É um momento sublime em que todas as coisas materiais perdem a razão de ser, bastando somente o necessário, como se pode notar nos versos dezessete e dezoito do mesmo poema:

*Nutre-me a luz. Veste-me a luz. A luz me leva.
Um braseiro total os meus sentidos são. (p. 38/40)*

De acordo com Armindo Trevisan (1993), a poesia é um estado-de-vida, uma comunhão com as coisas e com os outros. Não é a poesia nem a cultura que salvam o homem, mas sim os sentimentos bons que o poeta e a sua obra despertam no leitor. É exatamente isso que os versos de Mansueto Bernardi despertam no leitor: bons sentimentos. Os versos sessenta e nove a setenta e dois do poema *Virgília Ardente* podem ser considerados modelo na manifestação máxima da luz:

*Sou vosso irmão, rubras constelações.
Eu sou feito de luz – tenho certeza –
E como lava a sair de uma cratera acesa,
do meu seio abrasado assim brota este canto... (p. 38/40)*

No primeiro verso acima, o eu-lírico deixa clara a sua união com tudo que o cerca ao declarar “sou vosso irmão, rubras constelações”. Além da palavra luz, o poeta utiliza outras que remetem à claridade e elas são: rubras constelações, lava, acesa e abrasado. Com tons de vermelho, o poeta descreve a erupção que ocorre na psique do eu-lírico. Assim como um vulcão, ele projeta a sua luz interior em todas as direções, pois mais do que estar preenchido pela luz ele declara com convicção que é a própria luz. A poesia surge desta erupção. Tal qual um pintor ou um deus, o

poeta tem o poder de criar, como se pode notar no verso vinte e dois do poema *Vigília Ardente*:

pinto a manhã punícea, as pedras raras. (p. 38/40)

Com as palavras, Bernardi dá vida a uma manhã escarlate, tão bela quanto as pedras preciosas. Em um outro poema intitulado *Poesia*, mais precisamente nos versos um, dois e três, Mansueto Bernardi continua a cantar o dom da criação definindo lindamente o que vem a ser poesia:

*Poesia é milagre existencial,
emanação do espírito angelino.
Concordância do humano e do divino. (p. 82)*

Ao caracterizar a poesia como algo divino, o poeta demonstra que a poesia tem o poder de superar seu criador, sendo uma forma de enaltecer a vida. Ao dar à poesia essa imagem angelical, Bernardi facilita a relação entre poesia e leitor, pois torna o conteúdo poético mais próximo do leitor. A poesia deixa de ser apenas palavras combinadas e passa a ser uma experiência a ser vivida que dependerá exclusivamente da bagagem de cada um.

Na poesia *Evangelho da criação poética*, Mansueto Bernardi, como que em uma pintura, narra, traço a traço, o nascimento de um poema:

*De repente, a um sopro etéreo,
O poeta se extasia
Abisma-se no mistério.
E nasce o canto, a poesia... (p. 141)*

O poema , assim como no momento da criação do mundo, surge em um sopro celestial e então, encantado, o poeta deixa-se dominar pelo mistério, ou seja, por aquilo que, para ele, ainda é obscuro. E é em um arroubo que a luz se faz e o poema é concebido. Estes versos de Bernardi são a própria manifestação da luz e através deles seus leitores têm a possibilidade de conhecer e atingir o divino.

Nos versos doze a quatorze do poema *Bênçãos*, o poeta agradece o dom de ser poeta e de poder, através dele, atingir a cada instante de sua criação o sublime:

*E este sol que me aquece, em linha reta,
E o seio maternal, que me deu vida,
E a boa sorte, que me fez poeta! (p. 36)*

Mansueto Bernardi nasceu poeta e em sua produção sempre ficou evidente a quem ele devia este dom. Em diversos momentos o poeta fala sobre as verdadeiras riquezas e belezas da vida. Saber dar valor à natureza, ao seu semelhante e à presença de Deus em todos os seres é a grande fortuna do homem. Nos versos cinco e seis do poema *A outra beleza*, o poeta destaca este fato:

*Mas não esqueças nunca, em teu caminho,
A beleza essencial está na altura (p. 117)*

Esta beleza infinita e eterna é representada em alguns versos do poema *Vigília Ardente*. Nos versos quarenta e cinco a cinquenta o poeta celebra o poder do criador:

*Sou luz. E tudo, da libélula às montanhas
solenes e tamanhas;
do fragoso oceano sem confirm
ao ramo vegetal plácido e mudo,
tudo o que vive, tudo
se volta para mim. (p. 38/40)*

O eu-lírico declara-se luz e, como fonte de vida, tudo que existe, do oceano ao vegetal plácido, volta-se para ele. Ao encontrar a luz ele tornou-se uma porção da mesma e passou a se sentir parte da criação de Deus. Ainda no mesmo poema, o eu-lírico, além de se sentir parte, sente-se responsável por alguns momentos. Os versos cinquenta e quatro e cinquenta e cinco explicitam tal afirmação:

*E num momento azul de arroubo e de ternura
Fui ainda eu que inspirei São Francisco de Assis. (p.38/40)*

O poeta caracteriza o momento em que inspirou São Francisco de Assis como azul. A cor remete à divindade, ao que é celestial, portanto a sua inspiração é, antes de ser um momento de êxtase, um instante abençoado por Deus. A criação divina, como fica evidente nos versos trinta e sete e trinta e oito do mesmo poema, também abençoa a terra que convalesce:

*E na gleba, sou eu que realizo
A esperança que dorme nas sementes... (p. 38/40)*

No poema *O verme e a estrela*, o poeta reconhece a simplicidade e a generosidade divina ao constatar que é iluminado pela mesma luz que um dia iluminou o filho de Deus, Jesus Cristo:

*É pensar que este Sol que me ilumina
é o mesmo Sol que iluminou Jesus! (p. 81)*

Quando se alcança o objetivo maior do franciscanismo que é a conquista da luz, passa-se a louvar e a agradecer a Deus pela natureza e pelas possibilidades de aprendizado oferecidas durante o percurso. Nos primeiros quatro versos do poema *Bênçãos*, Bernardi exalta as graças divinas:

*Bendito o brilho eterno e soberano
da beleza, e bendito, ave teu ninho!
Bendita a febre do trabalho humano,
e a árvore, e o fogo, e o pão, e o leite e o vinho! (p. 36)*

Mansueto Bernardi compôs, além de todos os poemas anteriores, dois poemas que representam grandiosamente o espírito franciscano: *A clarissa paineira*, em homenagem à Santa Clara de Assis e *Aos ciprestes*, em homenagem a São Francisco de Assis.

Para o poeta, a paineira é símbolo do espírito franciscano de Santa Clara. Assim como a santa, a árvore, simples e gentil, presenteia a todos, bons e maus, com a beleza de suas flores e a delicadeza de sua paina, que torna a hora do descanso de homens e animais mais agradável. É na estação mais fria e severa que a paineira, mesmo exposta ao mau tempo e a adversidades, enche a vida de todos que a cercam de um colorido celestial. A seguir, transcreve-se na íntegra o poema para que se possa perceber a beleza do mesmo:

*A paineira é uma planta franciscana,
uma filha menor de Santa Clara,*

*uma serva descalça do Senhor.
Seus espinhos não são espinhos, mas cilícios
com que ela noite e dia mortifica
a própria carne, sob a veste monacal.
São seu escudo contra as más tenções.*

*Quando, ao brilho do sol da primavera,
todas as outras árvores em torno,
se adornam para o efêmero mundano,
em sua vida de oração e penitência
a clarissa paineira não se enfeita nem descansa:
tece que tece flocos de algodão
— de algodão muito branco e muito suave —
que os pássaros e os homens aproveitam
no aconchego dos ninhos e dos leitos.*

*Meses e meses fica assim exposta
à canícula, às chuvas torrenciais,
ao frio, ao vento ríspido e cortante,
sem um único abrigo, toda recolhida
num sonho de noivado celestial.
Contemplativamente, religiosamente
a criatura louva o Criador.*

*Ao cabo de uma dessas rudes provas,
desses longos retiros em si mesma,
a paineira nem mais parece uma árvore,
mas uma viva chama cor-de-rosa,
um grito de alegria sobre-humana,
uma explosão de místico fervor.
São as flores que a humilde atira para o alto,
que a mancheias atira para o alto,
que num arroubo atira para o alto,
aos pés do altar de Deus Nosso Senhor. (p. 146/148)*

O poema *Aos ciprestes*, assim como o intitulado *A clarissa paineira*, destaca o espírito franciscano. Enquanto o primeiro representa de forma simbólica Santa Clara, este representa a simplicidade e as idéias de São Francisco de Assis. Os ciprestes são árvores frágeis e, ao mesmo tempo, fortes, pois superam todas as adversidades para, assim como o santo de Assis, encontrar o lume solar. O que diferencia esta árvore das demais é o cuidado franciscano com que vão subindo. Ela cresce, mas para isso não ceifa a vida de nenhuma outra planta. A transcrição completa dos versos revela a pureza e a beleza deste poema:

*Tenho predileção pelos ciprestes.
Não porque lembrem lutuosos cemitérios,
esverdeadas tristezas depressivas,
derrotas e desânimos covardes.
Mas porque enxergo neles uma das mais altas
e puras formas da existência vegetal.*

*Enleva-me a finura do seu caule
reto como uma flecha, cujo alvo
fosse o disco do sol no firmamento.
Comove-me o cuidado franciscano
com que evitam ferir seus semelhantes
que, entre os mesmos tapumes, também lutam
por uns palmos de terra e de céu.*

*Há qualquer coisa de cristão nessa atitude
de encolhimento e de desprendimento,
que os distinguem das outras espécies
do seu reino cheiroso e farfalhante.*

*Outras árvores há que dão sombras e frutos,
com espetaculosa galharia,
a muitas criaturas circunstantes.*

*Mas à custa de quantos direitos,
de quantos pequeninos seres esmagados,
com desprezo de toda justiça?*

*O mesmo não se dá com os ciprestes,
que quase não se expandem para os lados.*

*Simples, humildes como capuchinhos,
despidos de interesse e de vaidade,
sem olhos para ver, do seu tugúrio,
os ouropéis e as tentações circunjacentes,
todo o seu pensamento se concentra
na conquista do céu que, muito no alto,
esplende todo cheio de promessas,
e de astros de ouro, e de beatitudes.*

*E aí tendes explicado o fundamento
da febre de subir, que os faz tão finos.*

*Nos ciprestes que tão harmoniosamente
se erguem em derredor da minha casa,
há tantos ninhos, tantos habitantes,
alígeros, canoros, tagarelas,
que me fazem pensar em colégios sem mestres,
em barulhentos bandos de jograis.*

*E que dizer da sua férvida ternura,
do seu espírito de caridade?
É de ver com que amor, no seio verde
dos ramos protetores, agasalham
contra os ventos e as aves de rapina,
as ninhadas de pássaros implumes
que ainda não sabem o a-b-c do vôo!*

*E da sua evangélica pobreza?
Eles não têm alforje, nem bordão, nem teto,
nem moedas, nem géneros nas arcas,
nem mais que um pano para se vestir.
E, nada obstante, vivem satisfeitos.
E cordialmente louvam o Senhor.*

*Por isso tudo é que eu vos amo tanto,
verdes anacoretas doidos pelo céu!
Amigos da claridade,
e altos, magros como eu! (p. 146/148)*

Mansueto Bernardi era, tal qual os ciprestes, dotado de um sincero espírito franciscano. Assim como os ciprestes buscava seu lugar ao sol sem desfazer ou machucar as pessoas que o cercavam. Ao contrário, muitas vezes colaborava na caminhada de seus companheiros e das pessoas que cruzavam seu caminho. Bernardi foi na sua vida pessoal e poética pleno de luz. As poucas sombras que surgem logo são apagadas pela luz solar de seus versos e de sua existência.

5 CONCLUSÃO

Radicado ainda bebê no Rio Grande do Sul, o poeta e escritor Mansueto Bernardi soube louvar a terra que o acolheu e que ele adotou como sua. Seus versos enaltecem a natureza serrana elevando-a ao divino. Tendo como exemplo São Francisco de Assis, Bernardi procurou praticar o bem ao próximo durante toda a sua vida. A sua doação ao seu semelhante reflete na sua vida pública e privada.

Quando esteve à frente da Livraria do Globo soube beneficiar seus colegas, publicando livros e divulgando nacionalmente seus trabalhos. À frente da prefeitura do município de São Leopoldo não foi diferente, realizando obras importantes como a estrada que ligou São Leopoldo à capital, Porto Alegre.

Mansueto Bernardi pertencia à Ordem Terceira de São Francisco de Assis e isto foi decisivo na definição dos temas da sua produção artística. Em todas as pessoas nasceram para pregar, mas todas podem trabalhar na divulgação do bem. O terceiro religioso deve ser um raio de sol em meio à escuridão, ele deve levar e pregar o amor à natureza e ao próximo.

O recebimento de bênçãos depende das boas ações e dos bons pensamentos de cada um. Assim como na vida cristã, na Ordem Terceira todos os seguidores devem ser merecedores das graças recebidas. A forma de agradecer cada uma é ajudar o seu semelhante. A Ordem prega a divulgação dos ensinamentos de Deus e de São Francisco, e é isso que Bernardi procurou realizar durante toda a sua existência, na sua vida pessoal, pública e artística.

Como poeta, Mansueto Bernardi não poderia ser inserido em uma só corrente literária. Poeta de formação parnasiana, Bernardi também foi profundamente influenciado pelos ideais simbolistas. Ele utilizava-se da corrente estética de acordo com o que pretendia. Mesmo envolvido pelo movimento Modernista não aderiu ao mesmo, mantendo-se na prática costumeira de seus poemas. A poesia de Bernardi tinha personalidade, assim como seu autor.

A partir de suas experiências, o poeta deu vida a poemas de exaltação à natureza, à sua terra e aos ideais franciscanos. Guilhermino César (1975) em seu artigo *Mansueto, o Crepuscolare?* propõe que poesia de Bernardi é predominantemente crepuscular, ou seja, que as sombras predominam. Com a intenção de verificar tal questionamento e a conclusão de seu autor, tomou-se o livro *Terra Convalescente*.

Os primeiros poemas da obra são predominantemente sombrios. Falam de morte, pranto, tristeza, melancolia, dor e solidão. Neles Mansueto revela-se um verdadeiro crepuscolare, pois se volta para um mundo de sombras, ignorando as alegrias e belezas da vida. Em seus poemas as alegrias são efêmeras. As sombras sempre vencem.

Lidos os primeiros poemas, pensa-se que toda a obra segue neste rumo, mas aos poucos a escuridão vai dando lugar à luz. Inicialmente ela aparece sutil, em um raio de sol, ou de uma luminosidade ao longe. A cada verso a luz vai sendo mais e mais presente, pois o que era um simples raio vira um astro, que ilumina tudo ao redor.

Após iluminar o ambiente, as árvores e os animais, esta luz intensa toca o eu-lírico de tal forma que, pouco a pouco, ela vai se tornando parte dele. Uma vez parte da luz, ele sente-se parte de tudo que o cerca e passa a louvar a natureza e o seu semelhante. Assim como São Francisco de Assis sente-se irmão de todas as coisas. E as palavras do santo de Assis passam a única verdade que pode ser aceita:

*Laudato sie, mi Signore,
cun tutte le tue creature,
spezialmente messer lo frate Sole,
lo quale è iorno, e ilumini noi per lui.
Ed ello è bello e radiante
cun grande splendore:*

de te, Altissimo, porta significazione.

No *Cântico das Criaturas* São Francisco de Assis louva todas as formas de vida e de energia. Quando louva o irmão Sol, louva também a Deus, pois ele é a maior força e a maior luz que pode existir. Assim como viver sem Sol é impossível, viver sem fé também é, pois sem fé o homem acaba por definhar. É a fé em Deus e na vida que move o homem. Se ele deixa de acreditar em seus objetivos, tudo perde o sentido.

É a fé nas criaturas e na força que dá vida a tudo que move o franciscano. Durante todo o seu trajeto eles buscam a luz, o divino. Deus é o ideal franciscano, viver seguindo seus ensinamentos é uma maneira de se sentirem mais próximo dele.

Os poemas de Mansueto partem das sombras em busca da claridade. O objetivo maior nos poemas de Bernardi é a conquista da luz, como se pode notar nos versos nove de dez do poema *Invocação* que compõem a análise realizada:

*Tal uma árvore eu sou que, entre o cipoal adverso,
Luta por libertar-se e alfim, na luz, florir. (p. 13)*

O poeta utiliza a imagem de uma árvore para comparar a busca do ser humano pela luz. Muitas vezes ele tem que se livrar do cipoal para, enfim, alcançar a luz e ser feliz. Em dois versos o poeta consegue transmitir o seu ideal de vida: a conquista da luz.

Apesar da afirmação de Guilhermino César, pode-se comprovar na leitura e na análise dos poemas de Mansueto Bernardi que, na verdade, seu objetivo era a luz, ela predomina em sua produção. As sombras são apenas o ponto de partida da sua caminhada. A chegada, assim como o prêmio final, é o contato com o divino, com Deus, representado em seus poemas pela luz solar.

Seu livro, assim como diz o subtítulo, é realmente o *itinerário de uma alma*. É um caminho traçado com perfeição, onde cada pegada e cada obstáculo são assinalados no momento certo. Seus versos, mais do que reflexo da sua experiência, são uma inspiração para seus leitores. O leitor é guiado por uma viagem onde os olhos do eu-lírico muitas vezes passam a ser os seus. Mesmo nos momentos obscuros, a beleza sobressai.

Mansueto Bernardi soube, como poucos, ser singelo e grandioso. Seus poemas são dignos de louvor, pois quem os lê fica tentado a ler mais e mais vezes. A cada leitura, descobre-se uma imagem anteriormente perdida, um novo mundo se abre a cada leitura. Bernardi tinha o dom da poesia, definitivamente não era mais um, ele era único. A poesia também é uma forma de exaltar Deus, como se pode ver nos versos um a quatro do poema *Evangelho da criação poética*, citados durante a análise e transcritos novamente abaixo:

De repente, um sopro etéreo,

o poeta de extasia.

Abisma-se no mistério.

E nasce o canto, a poesia. (p. 141)

Os poemas alternam-se entre sombra e luz, finalizando com o domínio do brilho da claridade. O poeta que soube seguir os ensinamentos de Deus e de São Francisco de Assis durante a sua vida também soube transcrever a grandeza dos mesmos em seus versos. Tal qual a natureza e as criaturas criadas pelo poder divino são dignas de louvor, a produção poética de Mansueto Bernardi também o é. Depois da leitura e da análise realizada não resta mais nada a não ser contemplar e louvar a produção e o dom poético de Bernardi na luz de Deus.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. *Flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BERNARDI, Mansueto. *Terra Convalescente: itinerário de uma alma*. Porto Alegre: Globo, 1965.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CÉSAR, Guilhermino. *Mansueto Bernardi, o “crepuscolare”?* **Correio do Povo**, Porto Alegre, 31 maio 1975. Caderno de Sábado, p. 3.

FASSINI, Frei Dorvalino. *Como São Francisco se comunicaria hoje?* **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 59/62, 1983.

MERINO, Frei José Antônio. *Franciscanismo e reverência pela criação*. **Cadernos franciscanos 3**, Petrópolis, Vozes / CEFEPAL do Brasil, 1991.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PILONETTO, Frei Adelino. *A sensibilidade ecológica de São Francisco*. In: SULIANI, Antônio (Org.). **Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

QUINTANA, Mario. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

TREVISAN, Armindo. *A poesia*. Porto Alegre: UNIPROM / Prefeitura de Porto Alegre, 2001.

_____. *Reflexões sobre a poesia*. Porto Alegre: InPress, 1993.

VERGARA, Pedro. *Visita à Vila Bernardi: cousas, vidas, alegrias, glórias – uma viagem a Veranópolis / RS*. Rio de Janeiro: Batista de Souza, 1963.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso: um pequeno retrato em que o pintor também aparece*. Porto Alegre: Globo, 1973.

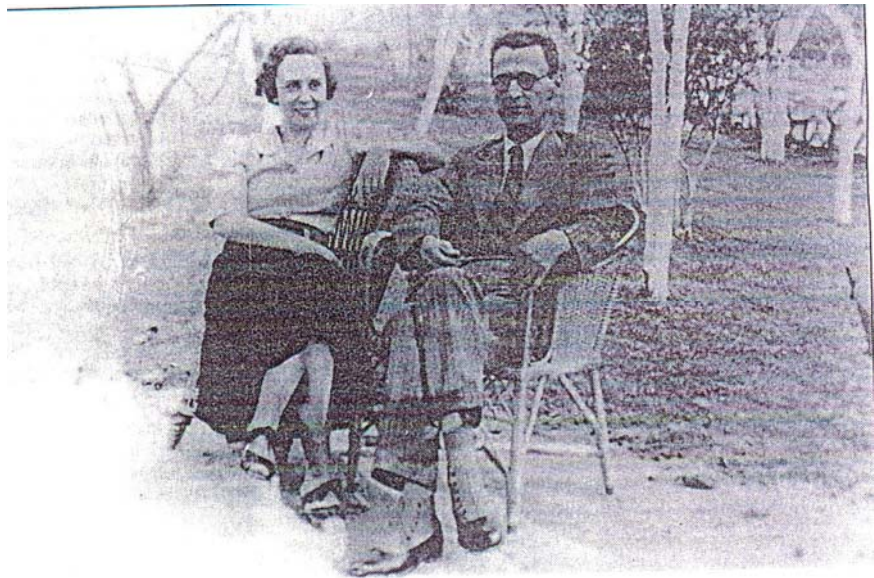
ANEXO A

Retrato de Mansueto Bernardi executado por Fernando Guerra Duval no Rio de Janeiro em 1933.



ANEXO B

Mansueto Bernardi e a esposa Idalina. Foto tirada em Teresópolis, Rio de Janeiro, em 1934.



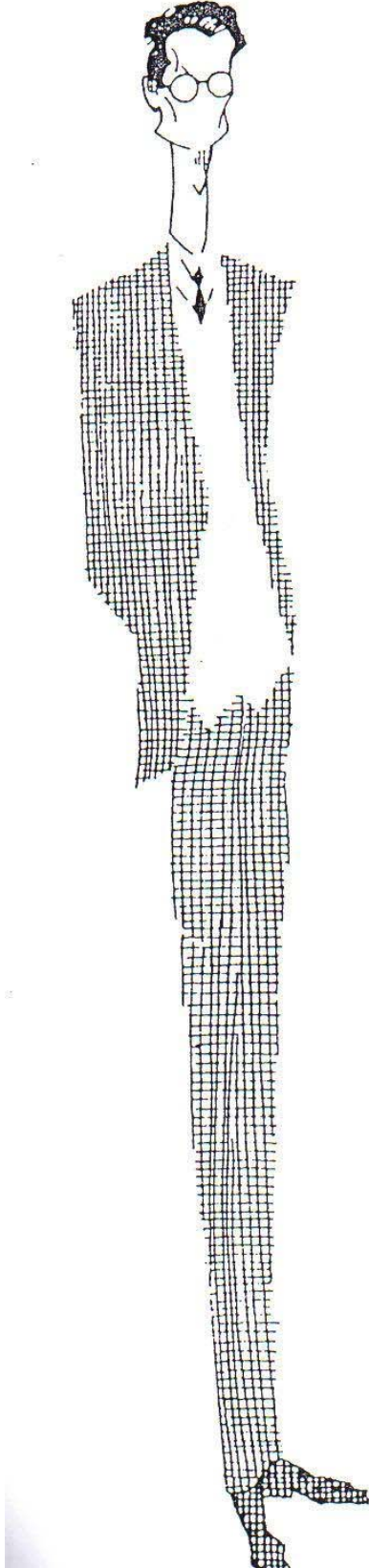
ANEXO C

Mansueto Bernardi e Itálico Marcon, seu maior estudioso.



ANEXO D

Caricatura de Mansueto Bernardi feita por Sotero Cosme.



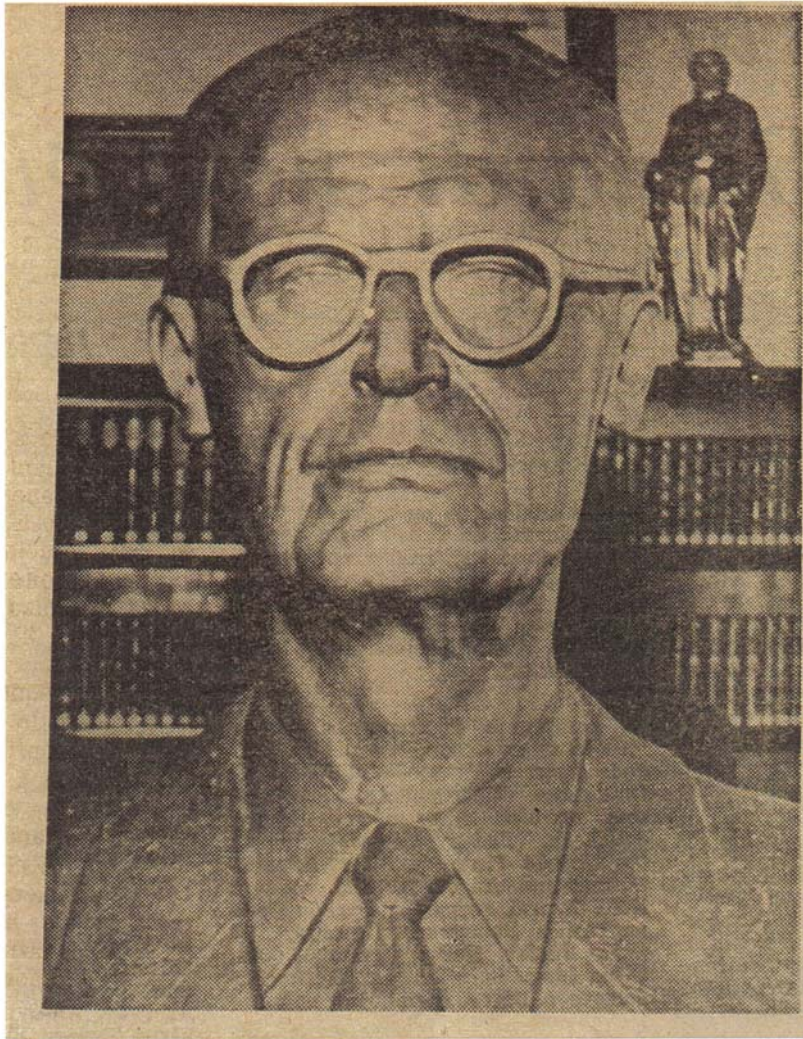
ANEXO E

Foto de Mansueto Bernardi tirada pouco antes de sua morte, em 1966.



ANEXO F

Busto em bronze de Mansueto Bernardi, inaugurado em Veranópolis no dia 31 de maio de 1975.



ANEXO G

Il Cantico delle Creature – São Francisco de Assis

Il Cantico delle Creature

*Altissimo, onnipotente, bon Signore,
tue so le laude, la gloria
e l'onore e onne benedizione.*

*A te solo, Altissimo, se confano
e nullo omo è digno te mentovare.*

*Laudato sie, mi Signore,
cun tutte le tue creature,
spezialmente messer lo frate Sole,
lo quale è iorno, e illumini noi per lui.*

*Ed ello è bello e radiante
cun grande splendore:
de te, Altissimo, porta significazione.*

*Laudato si, mi Signore,
per sora Luna e le Stelle:
in cielo l'hai formate clarite
e preziose e belle.*

*Laudato si, mi Signore, per frate Vento,
e per Aere e Nubito e Sereno e onne tempo,
per lo quale a le tue creature
dai sustentamento.*

*Laudato si, mi Signore, per sor Aqua,
la quale è molto utile e umile
e preziosa e casta.*

*Laudato si, mi Signore, per frate Foco,
per lo quale enn'allumini la nocte:
ed ello è bello e iocondo e robustoso e forte.*

*Laudato si, mi Signore,
per sora nostra matre Terra,
la quale ne sustenta e governa,
e produce diversi fructi
con coloriti fiori ed erba.*

*Laudato si, mi Signore,
per quelli che perdonano
per lo tuo amore*

*e sostengo infirmitate e tribulazione.
Beati quelli che 'l sosterranno in pace,
ca da te, Altissimo, sirano incoronati.*

*Laudato si, mi Signore,
per sora nostra Morte corporale,
da la quale nullo omo vivente po' scampare.*

*Guai a quelli che morranno
ne le peccata mortali!*

*Beati quelli che troverà
nelle tue sanctissime voluntati,
ca la morte seconda no li farrà male.*

*Laudate e benedicite mi Signore,
e ringraziate e serviteli cun grande umiltate.*